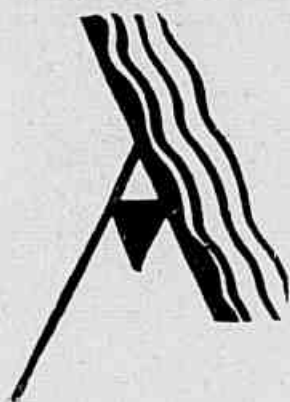
ANNO VI N. 281
Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

MARLENE DIETRICH

CINEARTE

JOHN GILBERT
CINEARTE

CREAÇÃO de um orgão central que terá d'ora-avante a seu cargo o estudo de tudo quanto se relaciona com a instrucção, da primaria á superior, dessa commissão fazendo parte alguns nomes que são a mais completa garantia da efficiencia dos seus trabalhos, faz-nos conceber a esperança de que a cinematographia educativa encontre afinal quem della se aperceba e della queira se aproveitar para fins de utilidade publica.

Ainda na semana finda o acaso nos proporcionou um encontro com o Dr. Spencer Vampré, professor da Academia de Direito de S. Paulo e que enthusiasticamente faz a propaganda das bibliothecas circulantes, criação de um grupo de idealistas de S. Paulo que aspiram ver o nosso paiz crescer e progredir pelo influxo da instrucção. Esses benemeritos crearam um deposito central de livros, já com 40.000 volumes e puzeram esses livros á disposição dos estudiosos que os podem retirar por emprestimo. As bibliothecas constituem os complementos naturaes das escolas. Muita gente ha que pelas necessidades da vida conclue o curso primario e busca logo um trabalho do qual arranque os meios de subsistencia. Para esses, as bibliothecas constituem os unicos recursos se querem continuar a instruir-se. Carlyle dizia serem as bibliothecas as verdadeiras universidades. As publicas, ao alcance de todos, de consulta facil, sem embaraços burocraticos, com recursos folgados, foram com a escola os dois impulsionadores do progresso norte-americano. Nós não temos bibliothecas.

As que possuimos são em numero insignificante para a nossa população.

O numero formidavel de bibliothecas existentes nos Estados Unidos, onde é caso para envergonhar um centro de povoamento a sua não existencia local, deve-se ao espirito philanthropico particular.

Entre nós esse espirito é um mytho.

De sorte que á iniciativa dos idealistas de S. Paulo que acabam de crear a Associação das Bibliothecas Circulantes (A. B. C.) é altamente louvavel. Por que não se encontra um grupo de idealistas tambem que queira propagar pelo Cinema, dez, cem, mil vezes mais efficiente do que o livro essa educação que nos falta, desde a inicial até a profissional?

A criação de uma Cinemotheca instructiva que distribuisse films por todo o paiz, atravez das escolas, os departamentos de instrucção, as pessoas de boa vontade que disso quizessem se encarregar, as associações que para esse fim se creassem talvez fosse o passo mais vigoroso para a nossa independencia de facto. O Conselho Superior de Educação, ora fundado póde tornar essa iniciativa appellando para o auxilio de quem possa fornecer-lhe os elementos para prestar esse grande serviço ao paiz.

GWEN LEE, RITA LA ROY E LUCILLE WILLIAMS...

ANNO VI — NUMERO 281

15 DE JULHO DE 1931

A tela em revista

Neil Hamilton e Kay Johnson em "Tcheká"

O LYRIO DO LODO — (Min and Bill) — Film da M.G.M. — Producção de 1930.

A scenarista Lorna Moon, autora de varios trabalhos para o Cinema, entre elles os scenarios de *Visões do Palco* (Upstage), *Mr. Wu* (Mr. Wu) e *Depois da ½ Noite* (After Midnight), adquiriu uma tuberculose que lhe trouxe longos padecimentos. Removida para um dos hospitaes, em Texas, lá escreveu, nos intervallos das suas hemoptizes, uma historia que nem siquer poude concluir, pois apenas lhe havia tecido o esboço. Chamava-se, a mesma, *Dark Star* e, depois da sua morte, adquiriu-a a M.G.M., da familia da fallecida, entregando-a á habilidade de uma das maiores amigas da mesma, a esplendida Frances Marion, para scenarizal-a de parceria com Marion Jackson, autora da continuidade. Em seguida, o hoje ex-marido de Frances, o director George Hill escolheu o seu elenco e começou o film.

Aqui o temos, com o classico e fatal titulo de *Lyrio do Lodo*, pois toda historia sordida que tem uma ingenua é logicamente *Lyrio do Lodo* e vemos que Lorna Moon foi feliz com o seu argumento, ao passo que a M.G.M. e George Hill nem sempre o foram com a realização. Elle, ou a adaptação, são responsaveis por dois trechos de *slapstick* genuino de comedias Mack Sennett ou Hal Roach, que quasi arruinam irremediavelmente o film. Aquella corrida de barco a gazolina, desenfreada e aquella pancadaria de Marie Dressler, em Wallace Beery, naquelle quarto, onde elles arrazam todo, são dois trechos que quasi liquidam tudo de bom que o film tem e quasi arrastam a historia infeliz que a mais infeliz Lorna Moon escreveu no leito de um hospital.

Fóra isto, *O Lyrio do Lodo* é uma grande film. Talvez outro director comprehendesse melhor o assumpto e lhe desse ainda mais valor. Um King Vidor, talvez... Mas George Hill, apezar disso, não é um fracasso. Sustenta bem os seus artistas e consegue, mesmo, scenas de grande valor emotivo, como aquella em que Marjorie Rambeau queima o rosto de Marie Dressler, com o ferro de frizar cabellos e, ainda, todo final, para já não citar outros momentos intensos que o film tem e que Marjorie Rambeau, ao lado da maravilhosa caracterização de Marie Dressler, transfórma em morbida tragedia.

A historia toda do sacrificio de Marie Dressler pelo amor que dedica a Nancy, a filha da mulher, é alguma cousa tocante, differente e exquisita que só mesmo um cerebro doentio e á morte poderia gerar. Um thema admiravel! Ha momentos que o tornam um grande film. Os trechos já citados é que o atiram ao vulgar. Poderia ser optimo. E' apenas bom.

Os typos, fóra Wallace Beery, Marie Dressler e Marjorie Rambeau, podiam ser outros, inclusive Dorothy Jordan, que não é bem a suave e meiga creatura que ali queriamos. Donald Dillaway, então, o galã mais sem photogenia que já vimos. Wallace Beery apresenta um esplendido trabalho e tem trechos de valor, se bem que mais explore o seu lado comico do que a sua força dramatica que é das mais potentes. Marie Dressler é dona do film todo. Apenas Marjorie Rambeau é que se lhe equipara na sua caracterização até revoltante de uma mulher de pouco escrupulo e ainda menos caracter. Assistam, que vale a pena. Operador, Harry Wenstrom.

Cotação: — BOM.

A OUTRA ESPOSA — (The Office Wife) — Film da Warner Bros. — Producção de 1930 — (Programma First National).

Lloyd Bacon, na direcção, já nos fez uma surpresa: *Mulher Desejada*, com Billie Dove recentemente exhibido. Agora, faz-nos outra e bem maior, este *Outra Esposa* que é uma feliz adaptação da celebre e popular novella de Faith Baldwin, do mesmo titulo.

Surpresa, dizemos, porque sahido do rol dos *extras* e tendo sido tudo, na industria, até galã, Lloyd Bacon jamais revelára, assim, nos seus anteriores trabalhos, nada que fosse além do vulgar. De uns tempos para cá, entretanto, tem-se revelado esplendido e magnifico, tem sido a sua concepção artistica. Este film que commentamos hoje, então, com um esplendido scenario feito por Charles Kenyon, scenario que não descança, moderno nos seus avanços e intelligente na captação do espirito da novella da qual veiu, é o seu trabalho ainda mais intelligente e mais observado. Auxiliam-no muito, com certeza, Lewis Stone, o melhor artista do film e Dorothy Mackaill, a es*trella*, que tem outro trabalho admiravel.

A historia é humana e curiosa. Apezar de velho, o thema, o seu tratamento e o seu desenvolvimento é admiravel. O modo pelo qual Dorothy se infiltra suavemente na vida do patrão, Lewis Stone, é alguma cousa branda e intelligente que acceitamos com agrado e acompanhamos com carinho. Ao redor delles dois é que se desenrola o assumpto todo. A figura de Blanche Friderici, a escriptora á qual recommenda o editor uma novella sobre o thema da secretaria do patrão, a esposa etc., é uma cousa posta com intelligencia dentro do scenario e mostrada admiravelmente, sem o feitio antigo dos scenarios que já cahiram de moda. Hobart Bosworth é uma figura sympathica e bem observada. Joan Blondell é a irmã mais moça de Dorothy. A *camera*, nos seus movimentos formidaveis, apresenta-a nas maneiras mais ousadas e arrebatadoras e ella revela-se fascinante como poucas e cheia de *it* até á raiz dos cabellos. Um colossinho de muito futuro. Natalie Moorhead tem um papel breve, mas bom. A scena em que ella e Lewis Stone "confessam-se" mutuamente os peccados, é linda e termina com a originalidade que caracteriza todo o film. Ha muita malicia, muito sophisma curioso e, acima de tudo, uma rapidez que se está tornando o caracteristico maior dos mais modernos films falados. Este film foi lançado sem a devida publicidade e tem-se feito cousa de furor em torno de pinoias muito inferiores, deixando-se uma producção destas abandonada e posta ao lado de uma *reprise*, só para repetir a proeza da dupla *Noites Viennenses — Caminho do Inferno*, este ultimo outro film tambem mal explorado no seu real valor. Fosse outro "Paris" talvez houvesse outro concurso com outro "bolo" de premio em vez de uma viagem a Buenos Aires.

Dorothy Mackaill, adoravel e Lewis Stone, dominando o film todo numa caracterização que apenas Menjou poderia dar igual, valem qualquer socrificio.

Cotação: — BOM.

RAFFLES — (Raffles) — Film da United — Producção de 1930.

Ronald Colman, ultimamente, deixou o romance, principal caracteristico dos seus antigos films e entrou pelo genero policial, adequado ás emoções fortes e, ainda mais recentemente, á comedia-malicia, como dizem as criticas do seu derradeiro film exhibido, *The Devil to Pay*. Não o achamos melhor, é logico, mas não o achamos mau, tambem. *Raffles*, então, tem bons momentos e a personalidade de Ronald Colman vale o sacrificio que se faça para ir ao Cinema assistil-o.

Além disto, Kay Francis é a heroina e apresenta-se linda e fascinante como sempre. Ella quasi rouba o film...

Um defeito que se nota, pois o film cresce ás vezes, para cahir, noutras, é a mudança de directores, pois Harry d'Abbadie d'Arrast começou-o e George Fitzmaurice, concluiu-o. Apezar disto, entretanto, *Raffles* tem valor e se não fossem certas sequencias longas, sem grande interesse e mais dialogadas do que agitadas, como requer a moderna technica, seria um esplendido film.

A historia, com variantes, é a mesma que já nos deu John Barrymore, ha annos, para a Metro. Ronald é Raffles, o "Ladrão" desconhecido que se quer regenerar por amor de uma Lady que o ama, tambem. Mas é obrigado a roubar, mais uma vez, para salvar o amigo, Bramwell Fletcher. Os dialogos são bons e ha algum espirito fino espalhado por todo elle. A sequencia da busca que David Torrence passa na casa de Ronald é boa. Alison Skipworth compõe um typo interessante e Frederick Kerr, outro. O jogo de *cricket* que é mostrado, naturalmente entrará em moda, brevemente...

Sidney Howard adaptou o argumento de E. W. Hornung. George Barnes e Gregg Toland photographaram.

Teve successo de bilheteria.

Cotação: — BOM.

Marie Dressler e Wallace Beery em "O Lyrio do Lodo"

Producção brasileira da Metropole — Film de S. Paulo.

Dora Felly	Iracema
Ronaldo de Alencar	Martim
Irene Rudner	Lourinha
Carmo Nacarato	Pagé Araken
Reginaldo Calmon	Poty
Diogo Miranda	Irapuan
Alvaro Lacerda	Cauby

Adaptação do romance de José de Alencar.

Martim, o guerreiro branco, penetrando nas terras dos Tabajaras, parou para descançar da longa jornada, na clareira da floresta, cheia de sol e flores. Ahi viu elle um espetaculo inesperado e encantador. Banhando-se num lago, despreoccupada e julgando achar-se só, estava uma joven e bella india.

Martim apreciou este lindo quadro, e mais ainda, a formosura morena da indigena. Iracema, este é seu nome, a virgem dos labios de mel, a virgem sagrada dos Tabajaras, continuava em seu banho, graciosa, tentadora, bricando alegremente com sua jandaia favorita. De subito, avistou o mancebo. Irada, ao mesmo tempo surprehendida, pegou rapidamente o arco e uma flecha partiu veloz, indo ferir Martim no rosto. Martim continuou immovel, a face manchada de sangue. Iracema, serenando, contemplou curiosa o estrangeiro. Seu garbo, sua physionomia nobre e differente da dos homens que Iracema está acostumada á ver, e mais ainda, seu olhar apaixonado e ferido, que a fita com tanta insistencia, acabam por perturbal-a. E Iracema correu, ligeira e carinhosa, para curar a ferida que sua flecha causara, no rosto de Martim. E conduziu-o depois para sua aldeia, para a cabana de Araken, o pagé da tribu, e tambem seu pae.

Os dias passam e uma affeição forte nasceu no coração da virgem tabajara, pelo guerreiro branco. Martim foi pouco a pouco fascinando Iracema, com sua conversa, e seu tratamento affectuoso.

Emquanto isto, um ódio profundo por este guerreiro de outra raça, foi se avolumando no intimo de Irapuan, o chefe da tribu. Elle tambem tem em seu coração a imagem da virgem sagrada, Iracema, e vê com furor, a permanencia de Martim na cabana do Pagé apoderando-se do amor da virgem dos labios de mel...

Irapuan dirigiu-se pois á cabana do Pagé, disposto á aprisionar o guerreiro branco. Araken, porém, considerando sagrado o hospede que tem sob seu tecto, invoca a voz de Tupan, o Deus temido pelos indigenas, e effectivamente ella faz-se ouvir, lançando o terror entre os indios e fazendo com que Irapuan se retire, atemorisado, sim, mas, cheio odio do que nunca.

Na aldeia adormecida resoou o som da inubia potyguara. Os indios reunem-se inquietos. Os Potyguara são seus maiores inimigos, e sua visinhança significa guerra.

Mas Iracema, na floresta sagrada bem que sabe a causa por que resôa a inubia inimiga. E' que Poty, chefe dos Potyguaras, irmão de arma de Martim, sabendo-o entre os Tabajaras, e tambem do perigo que corre ahi, marcha á seu encontro, disposto á salval-o. E na noite seguinte Iracema conduziu Martim pelo antro subterraneo, até a lagôa onde occulta-se Poty. Falam os dois amigos, e combinam a proxima fuga. Depois, sempre acompanhado pela india, Martim volta á cabana. E ahi, bem junto á Iracema, na formosura ardente da noite tropical, elle não resiste á tentação de provar o mel dos labios della... Não resiste á tentação do amor que ella lhe offerece...

A aldeia tabajara está em festa. A festa em honra da lua nova... Os indigenas dansam, embriagam-se em delirio. E aproveitando esta algazarra, Ira-

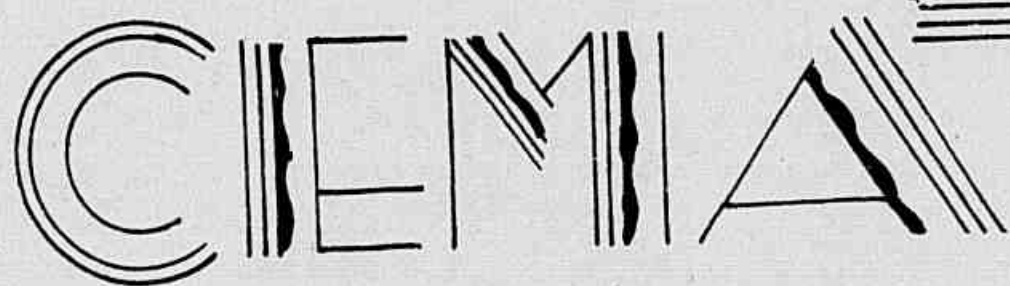
cema conduziu Martim até ao esconderijo de Poty, e guiou-os até á orla da floresta, limite das terras tabajaras. Ahi Iracema recusa abandonar Martim. Ella não é mais a virgem dos tabajaras, e seu dever é acompanhar o homem amado, apesar de estimar os seus. E Martim tambem não pode separar-se de sua Iracema querida...

Na aldeia tabajara os indigenas acordam da embriaguez da vespera, e a falta de Iracema, nos ritos sagrados é logo sentida. O odio de Irapuan recrudesse, e egualmente Cauby, irmão de Iracema, exaltado e colerico propõe á tribu perseguir os fugitivos. Perseguem-os effectivamente, mas ao alcaçarem Martim, Iracema e Poty, estão os 3 defendidos pela tribu Potyguara. Uma batalha entre as 2 tribus inimigas era inevitavel, e ella trava-se, terrivel, sanguinolenta, custando innumeras vidas aos Tabajaras, que, derrotados, são obrigados á fugir.

Iracema sente o coração despedaçado vendo o solo junca-

Reginaldo Calmon no papel de Poty

do de cadaveres, e impregnada do sangue de seus irmãos. Livre, Martim e Iracema conheceram por muito tempo a felicidade, vivendo ambos para o infinito amor que lhes abrazava o coração. Mas... um dia Martim partiu, em companhia de Poty, para uma nova guerra. Muito tempo passou sem que elle regressasse. E quando elle voltou, encontrou sua pobre Iracema agonizante, mas sempre sorridente e amando-o com fervor. E ao lado da esposa, na mesma rede, uma loura creança, o

CINEMA

filho de ambos, a primeira creatura de raça branca, nascida nesta terra onde elle, Martim, encontrara o seu amor, e o perdera, tambem...

* * *

Quando a Warner fez **A Caminho do Inferno**, Lew Ayres conquistou, nos Estados Unidos, o **slogan** de "**baby-faced Killer**", ou seja, "assassino de cara de criança". A Universal gostou do mesmo e fel-o registrar, incontinente, para que outro não se approveitasse delle e tencionando usal-o, mesmo, como vehiculo para um dos proximos films de Lew. Donald Henderson Clarke acaba de escrever uma historia que terá esse titulo e Lew como protagonista.

Dora Felly é "Iracema"

* * *

Guthrie Mc Clintic, director que recentemente deixará a Fox, assignou longo contracto com a Paramount. Ainda não está annunciado qual será o seu primeiro film.

The Sphynx Has Spoken, um film da R. K. O., que terá Lily Damita no principal papel, antes della ir cumprir seu novo contracto com a United Artists, terá Victor L. Schertzinger na direcção.

* * *

Lola Lane assignou um novo contracto com James Cruze, prazo de duração: tres annos.

* * *

Waterloo Bridge, da Universal, com James Whale dirigindo, tem, no seu elenco, os seguintes interpretes: Rose Hobart, Irene Rich, Hedda Hopper, Kent Douglass e Doris Lloyd.

* * *

Ralph Graves, artista muito conhecido e recentemente contractado pela M. G. M., teve um accidente no Studio, recentemente, do qual resultou uma serie de modificações. Filmava-se **The Great Lover**, com Adolphe Menjou, direcção de Arthur Robison. Ralph tinha um dos papeis e não concordando com o que lhe disse um dos assistentes, arrumou-lhe tremendo murro, pondo ponto final naquillo. Depois deixou o elenco que foi occupado por Neil Hamilton.

* * *

John Darrow e Anita Louise, uma pequena de apenas 15 annos, são os principaes de **Are These Our Children?**, o novo film de Wesley Ruggles para a R. K. O., com scenario de Howard Estabrook.

Carlos Eugenio e Carmen Violeta numa scena de "Mulher" da Cinédia

Do Paraná

Se me plantasse, todos os dias, ás 7 horas da manhã, defronte aos camarins do **Cinédia Studio,** naquelle grande pateo que vae apresentar, em breve, novidades deslumbrantes, muita cousa interessante teria para os **fans**, com certeza... De dentro daquelles casulos, todas as manhãs, sahem... não direi as borboletas, não, porque me apedrejariam quando lá voltasse, mas os habitantes do Studio.

Todos elles são curiosos para observar. Aliás, diga-se, ás 7 horas da manhã, sahindo da cama, quem não é curioso para observar?... Desde o Baptistinha, gerente do Studio, na sua parte interna, até ao Accacio, que occupa o ultimo camarim, ha, ali, muita cousa interessante para contar.

Faço de conta que agora ali me acho. O primeiro que passa é o Baptistinha. Perdão, Baptista Esteves, gerente geral. Rapido, sempre afobado, naquelle seu geito de quem sempre está á espera de um trem que vae partir, num segundo. Põe o bonézinho de marinheiro americano e começa a gritar:

— Accacio! Accacio! Accacio!

Num grito surdo, abaritonado, que tudo parece, menos o nome do cujo...

Attendendo ao chamado, surge o Accacio. Vem pegando-se pelas paredes, somnolento, elle que torna Stepin Fetchit "criancinha de peito", ao seu lado...

Depois surgem os dois "hospedes". Ernani Augusto, em primeiro, que ali se acha fazendo uma "temporada á cata de novas emoções para o "diario" da sua vida, que está escrevendo...

Minutos depois, tambem, um outro "hospede", Carlos Eugenio, o estheta da pose e o estilisador imperturbavel das attitudes decoradas...

Cada qual tem o seu cacoete. No caso, habitos, mais do que gestos. O Baptistinha tem a mania de andar. Não pára, nem a pau! Accacio, nas suas figurações, demonstra, aos presentes, como deve proceder um bom trabalhador, quando elle quizer trabalhar mesmo... Ernani lê. A sua mania é a leitura. Lê livros, revistas, jornaes, folhetins. Quando estes acabam, lê versos de folhinhas, programmas de circos das vizinhanças, até de balas rebuçadas, mesmo... Carlos Eugenio, entretanto, é todo meticuloso. E' o seu cacoete. Olhemol-o quando sahe do camarim.

Levanta-se já alinhado. Os cabellos já vêm penteados. Não apparece, como os outros, pegando-se pelas paredes e nem espreguiçando-se num desalinho natural de ultimo minuto de somno. Levanta-se correcto. Não se sabe, entretanto, encarando sua indumentaria, se é "lord" ou "boxeur". Tanto póde ser um, como outro... A toalha de rosto vem em torno do pescoço e, assim, dá maiores probabilidades á hypothese **sportiva**... Vem enfiado no seu roupão furta-côres, bem passado sempre e com o laço dado á direita, irreprehensivel. Traz a saboneteira na mão direita e, entre os dedos, a escova de dentes. Com a esquerda segura o tubo de pasta que é espremido em proporções iguaes e nunca a esmo. A toalha de rosto, em torno do pescoço, é para preservar da aragem da manhã ou para dar um aspecto mais photogenico. Não o sabemos...

Os banhos, ali, variam. Carlos é daquelles que levam quasi uma hora. Quando elle para lá se dirige, pode-se dormir uma somneca, dar-se um giro aperitivo pelo Studio e conversar-se, em seguida, qualquer cousa com este ou aquelle que ainda sobrará tempo para substituil-o... Quando sahe, perde mais meia hora no seu camarim, todo verde, e já sahe com o jaquetão cuidadosamente abotoado e o lencinho espremido em dobras contadas do bolso esquerdo. Esfrega fatalmente as mãos, antes do café e está vermelhinho, pelas fricções da toalha, como um allemãozinho de Santa Catharina...

Um dos seus habitos mais curiosos, durante o banho, um que põe o Studio em polvorosa e afasta todos daquella zona de camarins, é o seu costume de dar expansões ás suas cordas vocaes... Canta! A principio, brandamente, gastando uma imitação em brochura da **soto-voce** de Tito Schipa. Depois, elevando o diapasão, passa rapidamente por Giglo e saudando-o, ligeiramente, dirige-se directamente ao fallecido Caruso, com geral desespero de todos os ouvidos ali espalhados... Canta trechos da **Aida**, da **Bohemia**, do **Trovatore, Gira, Nem é bom falar** e não canta **Se você jurar,** porque é privilegio do Milton Marinho e, além disso, ameaçado foi com uma surra de pau, se o fizer... Terminando o acto lyrico, isto é, no caso o **climax** da sua "toilette matinal", como dizem os **poetas**, sahe do palco, digo, do banheiro e vae ao café.

Durante as horas de almoço e jantar, no restaurante do Studio, o "Lido", como o chamam, passam aquelles que ali vivem e vêm, aquelles que ali vão a convite, minutos inesqueciveis de bom humor e diversão. Fala-se em tudo. Politica, athletismo, **Foot Ball**, casos serios, tristes (a morte do Dick, um dos policiaes do Studio, por exemplo), alegres e outros de Humberto Mauro. As anecdotas, então, são contadas com muito cuidado, sempre, porque as mesmas são conhecidas, arrica-se o **conteur** a levar com um copo com agua pelas bochechas ou cousa semelhante...

Carlos, na apparencia um vivedor, é o mais morigerado e simples de costumes de todos elles. Qualquer irreverencia maluca, menos pensada, feita ao seu lado, provoca, logo, a sua censura irrevogavel. Esse commentario é sempre severo.

— Ernani! (Ernani é o "Christo", geralmente...) E' melhor você não tocar nesse caso!

E volta, depois do conselho, ao almoço que quasi esfria, com a physionomia de quem se sente profundamente ferido no seu amor proprio... Depois que a zanga passa, se alguem mais faz jus a um conselho, immediatamente elle o dará. A menos que por ali esteja o Ivan Villar, ainda mais com dôr de dentes e uma tampa de laranja Bahia na mão, ameaçando um **bad ending** para o conselho...

A sua historia, se é que historia possa chamar-se a aventura commum de um moço que ama o Cinema, contou-m'a elle ao lado do "bungalow" do Dick, o policial que ficou e aquelle a que todo Studio quer bem. Ouvindo-a, analysámol-a.

— Entrei para o Cinema do Brasil...

Disse-nos elle, sentando-se ao nosso lado, fumando o seu cigarrinho de sempre e pensando muito para falar.

— ... por intermedio de uma photographia que enviei á **Cinédia.** Deram-me uma ponta em **Labios sem Beijos** e ao voltar da viagem que fiz ao Sul, um papel muito mais importante e muito mais saliente em "Mulher".

— E seus collegas, Carlos?

— Optimos! Celso Montenegro, que já apreciava desde **"A Escrava Isaura"**, é um elemento esplendido. Carmen Violeta, pessoalmente, é a creatura mais delicada e distincta que já conheci. Como artista, é admiravel, nas scenas em que a vi representar e nas que teve commigo e será, por certo, uma revelação surprehendente, principalmente para aquelles que a julgam incapaz de ter um primeiro papel. Tambem admiro Ruth Gentil, Alda Rios, Milton Marinho, Emilio Dumas, Dora Felly, Ronaldo Alencar e muitos outros.

— Você gosta mais de Cinema do que de literatura?

— Gosto. Mas tambem aprecio immensamente a leitura. O bom romance prende-me em casa, uma noite toda e não me faz pensar senão nelle.

— A menos que...

— A menos que o que?...

— Que...

— Que Copacabana se manifeste!

Dos films Brasileiros que vi, **Barro Humano, Labios sem Beijos** e **Iracema** foram os que mais apreciei. Tambem gostei de **A Escrava Isaura.** Aliás eu sou muito facil de contentar e quando um film passa um pouco além de bom, já o acho optimo. Principalmente quando se trata de productos Brasileiros.

— Gosta de estar no Cinema do Brasil?

— Gosto. Principalmente e, entretanto, de estar com a **Cinédia,** parte dos quaes planos eu conheço e admiro como grandiosos. MULHER..., tenho fé, será um successo para a fabrica, para a primeira artista e para o galã e para mim, no meu quinhão. Se o fôr, dou por bem empregado todo o tempo da minha vida, até aqui. Quanto ao futuro da **Cinédia,** é indiscutivel. A' sua frente ha cerebros que não peccam pela inferioridade e, principalmente, ha o ardor do seu principal orientador e creador Adhemar Gonzaga. Quero estar sempre ao lado dessa victoria que já tão claro se delineia.

— Você ama, Carlos?

Ernani approximava-se novamente. Sorriu, maldoso. Carlos olhou-o com o rabo dos olhos. Demorou a resposta.

S. Christovão...

— Póde ser que sim...

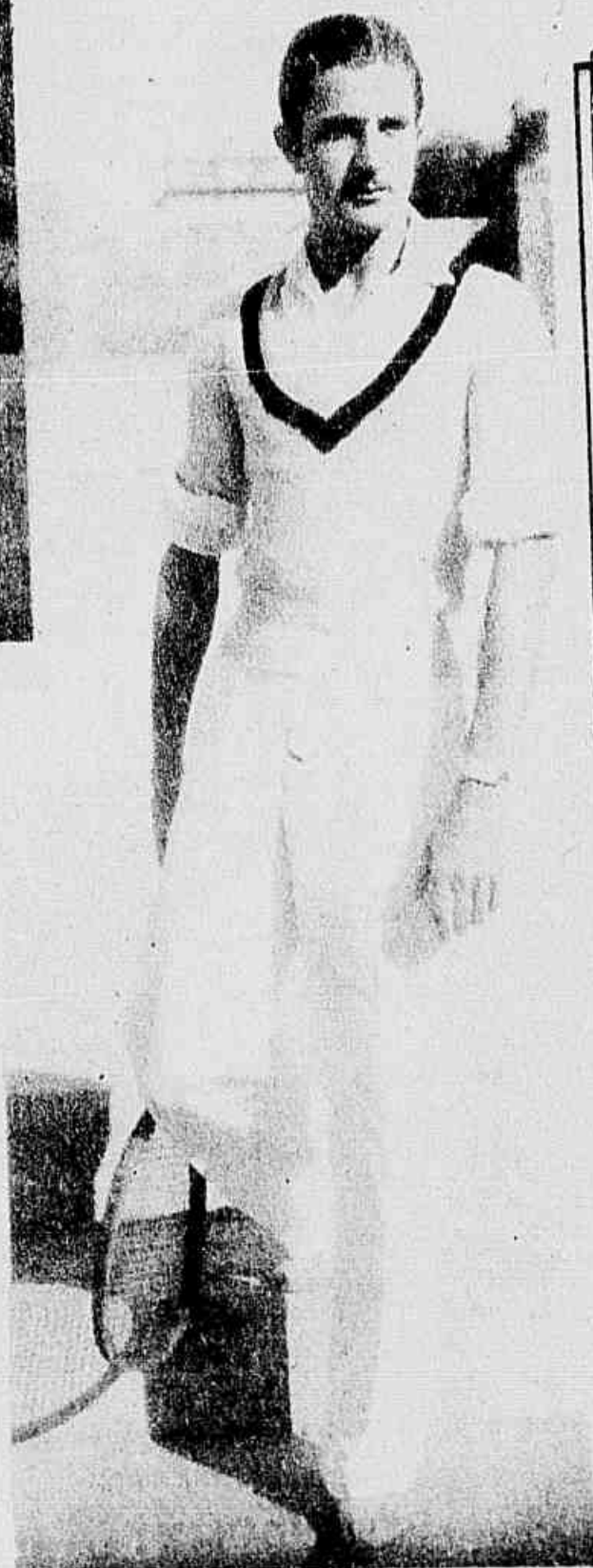
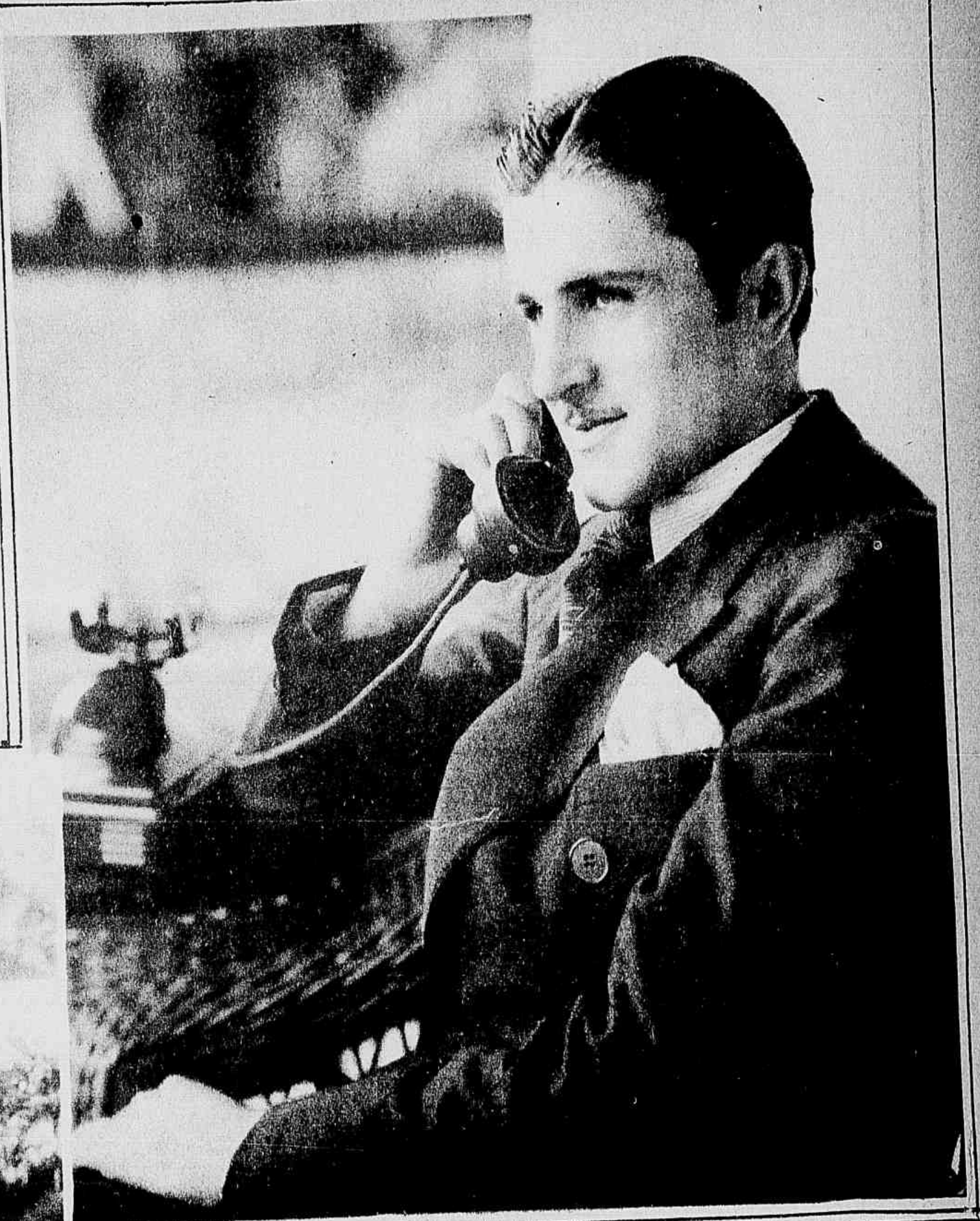
— Póde ser que sim?...

— Isto é... Oh Ernani! Vae ver se já chegou o correio!

— Mas ama ou não ama?

— Não ficará bem, meu amigo...

— ...aqui falar de amor. Falemos de Cinema, antes. Os negocios do meu coração, são com elle. Os meus, com você, são de Cinema, para **fans** de Cinema...

Chegou Milton Marinho. Vendo que era impossivel continuar, Carlos pediu-me que deixasse o resto para dizer depois. Além disso, não gosta de dizer qual o perfume que prefere e nem se aprecia mais as loiras do que as morenas. E' serio demais para tudo isso. Elle é, mesmo, o typo do rapaz que as pequenas chamam "bomzinho". Entre os amigos, então, torna-se logo, embora sem o querer, o centro de sympathias e pedidos de conselhos, em momentos de maluquices mal succedidas... E' tão correcto no tratar, quanto no caracter. Apesar de ser rapaz solteiro, não tem dividas. E' desses que a gente tem a certeza que lê Marden e Samuel Smiles. Tambem é vaccinado. Mas ainda não é eleitor...

Nasceu em Curityba, aos 27 de Maio de 1906. O seu verdadeiro nome é Carlos Eugenio Contin. Nada nos disse sobre o seu primeiro berro, ao nascer. Mas tenho a certeza de que não o deu. Sensato como é, naturalmente esquivou-se dessa "praxe" barulhante, porque poderia acordar a alguem.

Aos 17 annos foi para S. Paulo e, depois de 4 annos na Capital paulistana, para o Rio embarcou, onde se acha ha outros 4. Antes da revolução, foi ao Sul, a passeio e, quando regressou, depois de ter feito uma visita aos seus, esteve em Porto Alegre, Rio Grande, Bagé, Florianopolis e outras cidades do Sul, vindo para o Rio juntamente com algumas tropas riograndenses que subiam. Mas veiu por sua conta, é evidente, mesmo porque elle não lesa ninguem, não acceita favores abusivos e nem deixa de pagar a passagem. Repito: elle é desses que leva a serio o "E' prohibido Fumar", dos Cinemas e o "A lotação dos bancos é de cinco logares", dos bonds...

Aprecia muito a musica. Aprecia o bom canto e, por bom canto, logicamente, entende a bôa opera, com todos aquelles cavalheiros e senhoras avolumados, respeitaveis heroes e heroinas de empoeirados dramas musicados. E' natural que aprecie operas. Fazem parte do programma das pessoas de bom tom.

— Quer alguma phrase para os **fans?**...

Elle pensou alguns instantes. Depois falou.

— Diga...

A tal phrase ficou a titulo de divida. Despedimo-nos. Desci em companhia do Baptistinha, que, solicito, informava.

(Termina no fim do numero).

Pergunte-me outra...

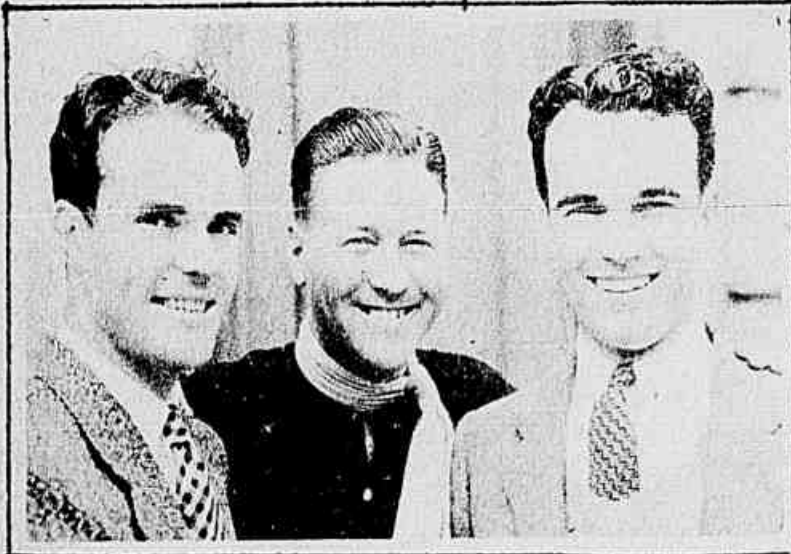
MARQUEZ DE SAINT ROMAIN (S. Paulo) — Gloria divorciou-se, sim. Estreará aqui, com certeza, mas talvez simultaneamente. Afastou-se do Cinema. Não tem trabalhado agora. Ainda continuam "noivos", sim. Vou ler com mais calma, caro Marquez, e, depois, enviarei minha opinião. Mande mais detalhes a respeito dessa escola, sim? Em breve você terá esse prazer que tanto almeja. As suas suggestões são felizes e interessantes.

LYGIA CARNEIRO (Recife, Pernambuco) — Não ha parentesco algum entre elles, não. Aliás o nome de Celso Montenegro é de Cinema. O seu endereço é "Cinédia Studio", rua Abilio, 2 , Rio de Janeiro. Responderá, naturalmente. Envio sempre, minha amiguinha, cinco endereços de cada vez. Mas quando quizer pedil-os, não faça cerimonia. Aqui os primeiros cinco: 1.° Ramon Novarro, M G M Studios, Culver City, California; 2.° Douglas Fairbanks Jr., First National Studios, Burbank, California; 3.° Ronald Colman, United Artists Studios, 1041, N. Formosa Avenue, Hollywood, California; 4.° Maurice Chevalier, Paramount Publix Studios, Long Island City, New York; 5.° Reginald Denny, M. G. M. Studios, Culver City, California. Carmen Violeta, Alda Rios, Lelita Rosa e Gina Cavallieri, como são de um só Studio, envio aqui o endereço, que é o mesmo de Celso Montenegro.

CINEMANO (S. Paulo) — Agradeço o recorte. Não tem importancia, realmente e vamos cada vez mais firmes, apezar de tudo isso. Está quasi terminado. O que falta é muito pouco. "O Preço de um Prazer" será o proximo film da "Cinédia". Mande, sim, que receberei com muito gosto.

DOVEMORI (Rio) — A artista á que se refere, deixou o Cinema. Escreva em brasileiro, mesmo e ponha, apenas um "photograph" griphado no final. Volte logo.

TAVARES JUNIOR (S. Paulo) — Escreva para Paramount Studios, Joinville, Paris, França. Talvez elle receba.

BEN HUR (Jatahy, São Paulo) — Não recebi os sellos, mas, na proxima vez, dirija-se á gerencia, para esses assumptos. Chama-se Gerda Maurus. Elle é Willy Fritsch. O endereço delles é U F A, Berlim, Allemanha. Até breve, "Ben Hur".

SVEN (Curityba, Paraná) — Gostei dos seus commentarios e são bastante justas as suas opiniões. Você é daquelles que sabem apreciar devidamente um film e isto me alegra. A Universal tenciona filmar o segundo livro delle, sim. Lew Ayres apparecerá em "Many a Slip", uma farça, "Fires of Youth", dirigido por Monta Bell, um assumpto que John Gilbert já filmou ha tempos com o mesmo director e Jeanne Eagels como heroina. "Iron Man", um assumpto sobre pugilismo, dirigido por Tod Browning. Sahirá bem breve, talvez juntamente com esta resposta. Do "close up" que cita, não ha, não, mas existem outras. Eu tambem sou "fan" delle, sabe?

JIF (S. Salvador, Bahia) — 1.° Ufa Studios, Berlim, Allemanha; 2.° por emquanto afastada do Cinema; 3.° cinco pontos; 4.° acha-se em New York, no theatro e tambem deixou o Cinema; 5.° tem feito alguns films para productores independentes, e, assim, não tem endereço certo. Arrisque Tec Art Studios, Hollywood, California.

DECIO GUEDE (Porto Alegre, R. G. do Sul) — Pela segunda vez eu lhe respondo, meu amiguinho, que póde enviar qualquer correspondencia para elle aos cuidados desta redacção, rua da Quitanda, 7.

OLGA C. (S. Paulo) — O meu? Ora, Olga, é tao conhecido... Pois não sabe que eu me chamo Operador?... Celso Montenegro nasceu aqui no Rio de Janeiro. Mas não tinha ainda um anno quando foi, com a familia, para Campinas, onde residiu toda sua infancia e parte da sua juventude. Depois é que veio para S. Paulo. Eu?... sou brasileiro. Carmen Violeta e Gina Cavallieri, "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio. Agradeço o *presente* que me enviou.

OSIRIS (São Paulo) — Parece que o film foi archivado.

Eddie Cantor, em "Palmy Days". Estão brincando com o Sorôa...

Ao menos é o que consta aqui. "O Preço de um Prazer", da "Cinédia" será posto em exhibição breve, sim. Não sabemos nada a respeito della, não. Luiz Sorôa, "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio.

MISS ANGA (São Paulo) — Não zanga, sim, Miss Anga?... Mas a biographia todinha?... Não prefere perguntar os dados, separadamente e, depois, obter as respostas respectivas?

NENIA (Rio) — Quando se é moça, como você e ainda tão criança, não se desanima, sabe? Tristeza é cousa para os que já passaram o meio da existencia e você ainda está tão no principio da carreira... Não desanime, não chore. Viva! Deixe passar as tristezas e ainda que lamente o que era o seu ideal, não se esqueça de que a vida sempre reserva outras alegrias. Boas as suas notas. Não me admira a de um que você tirou: é a cousa mais "peroba" deste mundo, mesmo... Não sei se posso dar "conselhos". Aqui, só conselhos de Cinema. Mas arriscarei dizer que você ainda é muito moça para duvidar assim da vida. E porque não se ha de aperfeiçoar? Não garanto que você me encontre, mas é possivel que a sorte favoreça. Não estou enganado, não. Repito o que disse. Fallam, porque Barrymore é o artista mais convencido e mais cheio de pose do Cinema. Ficou na mesma? E porque? Acho que você devia terminar esse "passatempo" que arranjou no bonde. Cuidado com elle! Até logo, Nenia. Conte-me mais proezas suas e seque as lagrimas para sempre.

O Sr. De La Falaise... Ex-Sr. Gloria Swanson e o seu irmão conde Alain que está em Hollywood com a noiva.

Jack Oakie scismou que William Udell se parece com Nick Stuart. Bill Udell é cortador de films, mas apparecerá no film de Bancroft: "Scandal Sheet".

Anita Page e Dorothy Jordan com a descripção de todos os dialogos que ellas tem proferido nos films. Nos tempos do Cinema silencioso, as artistas tiravam retratos assim com as cartas de admiradores, que recebiam...

BESALI (Florianopolis, Santa Catharina) — Ellas naturalmente não têm podido responder, por este ou aquelle motivo que ignoro. O que quer que lhe informe a respeito della? Mas responderão, com certeza. Mas "algo" é muito rogo, meu amigo.
Sobre Lina Basquette, apenas que voltou para junto do seu marido Peverell Marley. E' possivel que faça o seu regresso ao Cinema, tambem. Volte quando quizer, Besáli.

AIME' ON (Ita) — Você anda escrevendo tão pouco... Ironia?... Em que? Pois foi sem querer, creia, que terminei com o "quando quizer" a ultima resposta. Duvida que seja seu amigo? Se fosse, não lhe devotaria attenção que lhe devoto e nem apreciaria, como aprecio, a delicadeza bonita dos seus sentimentos. Garanto que não me descuidarei mais. Tem razão: ha luares e lógares, no Brasil, que põem até doloridos corações delicados como o seu. Pois qualquer cousa que me conte, a seu respeito, interessar-me-á muito. Pergunta-me se sim ou se não. Eu respondere i: já, ha tempos passados. O que acconteceu com você, tem sido o romance de muitas sentimentaes delicadas iguaes a si, Aimé. Se você chegou a renunciar, naturalmente não merecia o seu sacrificio, quando um coração de mulher chega a proceder assim, naturalmente é o film. Console-se, entretanto. A vida tem armadilhas, mas tem alegrias, tambem. Quando seu coração deixar de chorar, sorrirá, de novo, e então tornará a ver como a vida é bella. Não é conselho que os "annos deram", não... E' alegria de conversar com você. E quando chegará esse dia do qual tanto fala? Sim. Elle é até mais sympathico do que tem visto em photographias. Accrescento, ainda, que tambem accertou na segunda hypothese... Aqui estou, Aimé, esperando ler outro dos seus poemas carinhosos e bons.

JACK BROOK (S. Salvador, Bahia) — Gosto dos seus commentarios e quanto mais longos, mais interessantes. Você é observador e sobrio. Continue! George Larkin não tem trabalhado mais, não. Mas o interesse não é maior? E é melhor assim, creio, do que augmentar o preço, não acha? Volte sempre, Jack e mande sempre as suas interessantes opiniões e informações.

ENRICO BOSELLI (Rio) — Não me causam arrepios, não, amigo Boselli. Sua zanguinha é cousa de momento e por força não póde durar muito. Quando alguma companhia o chamar para figurar numa scena, então, passará por completo... Não desanime! Pergunte "outras" e aqui me encontrará mais disposto do que nunca a lhe dar as respostas mais attenciosas do que nunca. Quanto ás photographias, tambem errou. Até "outra", sim?

BETTY BOLES (São Paulo) — 1.° Nasceu em Greenville, Texas, o seu querido John Boles; 2.° é casado com Marcellite Dobbs; 3.° Tem 28 annos; 4.° não ha dados, mas supponho um metro e oitenta; 5.° John Boles, mesmo. Até logo, Betty...

OPERADOR

LILYAN TASHMAN. EM BAIXO.
UM DETALHE DE SUA CASA...

verdade sobre

Ruth Chatterton é uma dama. Ruth Chatterton é uma creatura de meios sorridos. Ruth Chatterton é uma intellectual *snob*. Ruth Chatterton é uma bohemia completa. Tudo quanto ella é, deve-o a Henry Miller, o homem que morreu, agoniado de coração, depois que ella o abandonou. Ruth Chatterton, durante annos, foi a victima de um vicioso mytho e, na verdade, tratava Henry Miller com muita humanidade. Henry Miller escolhia todas as peças do seu repertorio e, profundo conhecedor de theatro, fazia-o sempre bem. Deu-lhe, além disso, todos os conhecimentos de representação que hoje ella tem. Depois disso, para o mundo, para os palcos dos theatros norte-americanos, mostrou-se ella uma artista de grandes meritos, profundamente intelligente

Diz-se tudo isto de Ruth Chatterton. O que ha de verdade nesse amontoado de phrases? Você poderá formular as suas proprias respostas. O facto, entretanto, é apenas este: Ruth é, no momento, aquillo que ella entender ser para você. Isto é: inventara um typo e com elle commoverá você... Fóra do theatro, longe das representações, Ruth é muito mais artista, ainda, do que quando está representando para platéas ou *cameras*.

A primeira vez que me avistei com Ruth Chatterton e juntos jantamos, tivemos opportunidade de conversar longamente, sobre muitas cousas. Passei uma noite toda em companhia de Ruth e, durante ella, tive della as mais interessantes e curiosas revelações. Ella era para mim, confesso, uma lenda — uma grande artista de theatro que dignara-se entrar para o Cinema. Era apenas isto o que eu sabia della.

Não me posso esquecer, antes de mais nada, de relatar a amisade sincera e delicada com a qual ella me venceu, aos primeiros instantes de conversa. Começamos como se estivessemos jogando "mico". Deixei-a ganhar, ao cabo de alguns instantes, completamente distrahido pela sua gentileza e pela sua finissima educação. Depois, conversamos sobre o meu cão de estima e ella disse que elle era o mais intelligente que ella já havia conhecido. Depois falamos de livros e, sobre elles, teve ella as mais curiosas idéas. Disse-me ella, lisongeando-me, sobremaneira, que os meus escriptores favoritos eram os seus e, assim, senti-me, sem querer, embora, do mesmo nivel intellectual que o seu... Ha muita gente, em Hollywood, que pensa que Ruth é *snob*. Eu acho, entretanto, que as pessoas que nós costumamos chamar *snob*, são geralmente aquellas que não podemos alcançar, com as nossas intelligencias, comprehendendo-as...

Esta reputação de *snob* nasceu e desenvolveu-se, em Hollywood, pouco tempo depois da sua vinda para esta cidade. Ella, entretanto, veste-se com a sua pose que provoca justamente esses commentarios, como alguem que usa uma armadura de aço para penetrar em certos ambientes hostis. Quando Ruth deixou New York, a "montagem" dos seus maiores successos e, tambem, da sua maior derrota, trazia ella, comsigo, o coração profundamente ferido. Ella sentiu-se trahida. O publico que a tinha consagrado, abandonava-a. A imprensa que a havia incensado, deixava-a sem um só elogio. Muitos dos seus bons amigos a haviam abandonado, radicalmente.

Por que?

Apenas porque ella havia rompido com Henry Miller. O romance entre ambos, ella e Henry Miller, tornara-se uma especie de lenda. Aquelles que destróem lendas, sabe-se, destróem-se a si proprios... A historia do antigo e conhecido idolo das *matinées*, Henry Miller e da sua joven e linda protegida tinha-se tornado uma cousa de dominio publico e, o que era peor, longe dos dominios theatraes. Ha qualquer cousa que emociona, realmente, nessa mesma lenda.

Henry Miller descobrira Ruth Chatterton quando ella era ainda uma menina de poucos annos. Com a idade de uma collegial ella entrou para o côro de uma companhia de comedias musicadas. Seduzida pelo theatro, procurou ella encontrar, nessa *chance*, alguma cousa que a elevasse definitivamente aos maiores successos. Tinha então a sua familia perdido todo dinheiro que tinha e o theatro, para a joven Ruth, tornara-se o unico meio de se sustentar viva, matando ao menos a fome. Foi nesse momento, exactamente, que Henry Miller a encontrou e a contractou, sem mais aquella, para trabalhar como sua heroina na peça *Rainbow*. Aconselhado por seu filho Gilbert e apenas a tendo visto ligeiramente, sabendo, entretanto, que a sua voz era admiravel, para o palco, contractou-a pelo telephone. E dahi para deante começou o romance que foi o talisman sagrado das suas conquistas e victorias theatraes.

Constitue uma verdadeira historia a sua accenção ao posto de uma das mais queridas e admiradas entre as artistas de theatro.

Sob a protecção de Miller, que a adorava, conseguiu ella os mais formidaveis e retumbantes successos em *Daddy Long Legs*, *Mary Rose*, *Come Out of the Kitchen* e muitos outros successos. Sua voz, suas maneiras, em scena, sua amorosa figura, em summa, eram successos sobre successos e, todos elles, os mais solidos e garantidos. Por todos os lados e por todos os cantos, pelo paiz todo, mesmo, dizia-se que Henry Miller era o unico e principal responsavel por tudo isso. Assim, quando ella rompeu com Henry Miller, a opinião publica, que acompanhára assim de perto o seu "idyllio", rompeu com ella, igualmente, solida, toda ella, ao lado do "mestre", unico responsavel pelos seus successos todos.

Ninguem procurou ou tratou de saber quaes

as razões desse mesmo rompimento. Ninguem cogitou de averiguar as consequencias absurdas e magoantes do dominio de um tyranico idolo popular sobre uma mulher moça e intelligente. Especialmente sobre uma mulher como Ruth Chatterton, fina e culta como poucas. Quando ella, não ha muito, casou-se com um bem parecido artista inglez, o nosso conhecido Ralph Forbes, o grito de "ingrata", tornou-se profundamente infernal! O quadro, que já era negro, tornou-se tremendo com a retirada de Henry Miller dos palcos e, depois, a sua repentina morte. Tudo isto foi attribuido a Ruth. Os admiradores e fanaticos de Miller eram innumeros. Muitos delles, então, apontaram-na até em entrevistas e artigos, pelos jornaes, como causadora de toda a tragedia final da vida daquelle homem-artista. Ninguem mais, portanto, quiz saber della. Dahi para deante, no theatro, começou o seu violento declinio.

Era por tudo isto que, chegando a Hollywood, sentia-se Ruth Chatterton profundamente trahida. Não sentia, é logico, amisade alguma pela humanidade e, muito menos, procurava arranjar novos conhecimentos. Sentia-se profundamente entediada e, isto, Hollywood encarou como *snobismo*.

O successo retumbante que hoje Ruth gosa no Cinema, é, sem duvida, a melhor affirmação de que, nos tempos de Henry Miller, o merito era todo e absolutamente seu. Se não o fosse, ella teria sossobrado e tal nao se d e u, evidentemeente. Apenas d u a s podem-se-lhe comparar, presentemente, em grau de estima publica, pelas cifras berrantes das bilheterias: Greta Garbo e Marie Dressler. Apenas.

Quando Ruth e seu marido Ralph Forbes chegaram a Hollywood, foi elle que fez o primeiro grande successo. Representaram, juntos, na comedia theatral *The Green Hat*. Apanharam, logo, o sympathico Ralph para films e deixaram-na, com dura frieza, a um canto, radicalmente esquecida.

Os successos de Ralph, nos films, subiram logo ao seu cerebro. Quando elle se casára com Ruth, era ella a chefe da familia e a fgiura mais importante pelo valor incontestavel da sua intelligencia. Era ella a *estrella*. A situação, naquelle momento, mudára e era elle o *astro* do lar. Quando ella comprehendeu a sorte de idéas que filtravam do cerebro futil do seu marido, sen-

RUTH

tiu-se profundamente ferida e definitivamente agoniada. Elle vingava-se della, cruel, como se fosse ella uma extranha, para elle. Desforrava-se da sua propria esposa. Ella amava o marido. Sentia, por elle, o que não sentira jamais por Henry Miller, que considerava mais um pae, um protector, do que um amante. Quando o successo chegou para Ralph Forbes, elle deixou de attender a tudo isto e tornou-se arrogante. Arruinou, assim, o amor todo de sua esposa...

Ruth deixou-o. Deixou-o, exactamente quando elle se achava no melhor do seu successo brevissimo no Cinema. Deixou-o, porque o amava e, assim, para ella e para elle era melhor que assim agisse. Ella sabia que elle precisava de uma lição e espontaneamente offerecia-se para lhe dar.

Escolheu o destino, então, justamente esse instante para mudar as situações, novamente. Ruth galgou uma segunda e, mesmo, mais importante fama e Ralph, vagarosamente a principio e bruscamente, depois, voltou para a sua pallida e merecida obscuridade. Foi Emil Jannings que reconheceu em Ruth Chatterton uma das maiores artistas americanas e persuadiu-a de que o Cinema precisava della. Ella figurou ao seu lado em *Peccados dos Paes* (Sins of the Fathers), como primeira apparição sua em films. O seu merito foi incontinenti averiguado por todos quantos a viram nesse film.

Vieram, então, os films falados e a voz de Ruth, além da sua arte, foi ouvida atravez os seus primeiros dois grandes vehiculos: *O Segredo do Medico* (The Doctor's Secret) e *Madame X* (versão da *Ré Mysteriosa* que não chegamos a assistir) e, dahi para deante, abertas foram, para ella, as portas todas dos maiores successos e das maiores conquistas Cinematographicas.

Novamente um idolo do publico, novamente uma figura de grande successo, Ruth teve um dos gestos mais nobres da sua vida. Mais nobre, ainda, se alguem considerasse, conhecendo-a, quem ella realmente é. Ella acceitou a volta de Ralph Forbes para a sua companhia, *adoptando-o* novamente como seu marido... Custou-lhe muito afastal-o de si quando elle estava no apogeu e ella na obscuridade. Mais lhe custou, com certeza, acceital-o novamente, quando elle era um fracasso e ella um successo, de novo.

A paixão da qual veiu imbuido Ralph, nessa segunda phase do seu amor, é alguma cousa que só mesmo elle poderia relatar. Um mixto de amor e reconhecimento e, o que é mais importante, de penitencia pelo seu grande erro do passado. O lar que reconstruiram, parece, é um dos mais brilhantes e dos mais agradaveis de Hollywood, a menos que um novo successo venha cegar os olhos um tanto ou quanto futeis de Ralph...

Hollywood ainda continua chamando Ruth Chatterton de *snob*. A's vezes preferem taxal-a de "intellectual". Acham que é mais interessante dizer assim... Isto, porque Ruth é das poucas que lê e se instrue. Outros, ainda, chamam-na de "intellectual *snob*", reunindo dois suppostos vicios numa phrase de inveja...

Snob ou não, a verdade é preciso que se diga: Ruth é admiravel. A maior de todas as artistas, principalmente pela cultura da sua alma e do seu espirito finissimo.

JAMES HALL

O TYPO DO GALÃ QUE VAE BEM OBRIGADO.

VAE-SE INDO...

Gary Cooper está cançado...

Muita gente anda falando, ultimamente e o que se ouve é isto:

— O que diabo estará acontecendo a Gary Cooper? Tão bom em **Marrocos?** Esplendido, mesmo. Mas em **Fighting Caravans,** terrivel! E por que? E' esta, têm os productores a certeza, a maneira de proceder com o publico? **City Streets** é alguma cousa apreciavel. Mas será, tambem, o proximo film seu?...

Gary ouviu os cochichos:

— Querem saber o que ha commigo, não é?

Disse elle e esfregou o nariz na mão, cacoete muito seu que até nos films já se tem notado...

Alguem disse a Marie Dresseler, ha pouco tempo.

— Marie, você tem muito dinheiro. Por que não deixa você a sua carreira? Todos dizem que você é um assombro. Por que não approveita você a circumstancia e abandona a carreira?...

Como Gary, Marie fechou immediatamente a bocca, depois de ter querido responder rapidamente e sem reflectir. Era o codigo do artista. Aquelle dever moral que o publico ignora e que só pode conhecer aquelle que é um legitimo artista, de coração e alma... Gary sabe perfeitamente, o que se passa com elle. Mas a lealdade que deve á profissão não permitte que fale sinceramente o que sente. Preferiu, ao contrario, discutir seus films do passado...

— Por que sou eu terrivel, ás vezes e nem sempre feliz com meus papeis?... Creio que o publico não irá pensar que eu **queira** fazer máus films?... Já fiz vinte e dois films durante o tempo em que tenho estado com a Paramount e não é possivel esperar que sejam elles todos excellentes. E' o mesmo que esperar de um jogador de **baseball** não falhar nunca. Não sei porque fazem os productores maus films, não sei... Mas acontece, ás vezes, sem duvida.

Sei o que torna um film bom, agradavel. E' quando tudo corre bem, perfeição. O que aconteceu quando faziamos **Asas, Anjo Peccador, Agora ou Nunca** e **Marrocos,** exactamente... E esses são os meus quatro films favoritos, mesmo dizendo que em **Asas** apenas fiz uma pontinha e que tive a maioria de minhas scenas cortadas de **Marrocos.**

Interessantes, declarações, com certeza, embora não adiantem, de nada, para a resposta á importante pergunta de "por que tem Gary feito maus films ultimamente?". Nada disso sahiria, com certeza, se não fosse a imprevista intervenção da mãe delle, uma esplendida creatura, que se metteu pela nossa conversa e falou.

— Para elle teria sido muito melhor nunca se ter mettido em Cinema. Elle está trabalhando excessivamente, para morrer, se continuar assim. Palavra, já me tenho preoccupado tanto com isso...

Cousa interessante... Ha muito que vihamos notando que elle emmagrecia, que mais fundos tornavam-se os vinculos do seu rosto, que mais tropêgo fazia-se seu andar e menos agil a sua esperteza. Entretanto, não queriamos accreditar que aquillo fosse cançasso, embora vissemos que era!

Hollywood, extremamente chegado a Gary, não reparou nisso. Aliás, diga-se, pouco se importa Hollywood com essas cousas... Os chefes de quadrilhas, em Chicago, têm funeraes admiraveis. Não poderão tel-os tambem, os grandes **astros** do Cinema?... Um grande artista, já morto, disse, uma vez:

— Quando morrer, quero marmore do mais fino sobre meu tumulo. Pagaram-me bem os productores, por sua vez pagos pelo publico. Pagaram minha propria morte...

O que Gary estava, era exhausto, perigosamente exhausto.

Ninguem, em Hollywood, expepção feita de sua mãe (e Lupe) notavam isto. O que Hollywood sabia, apenas, era que a popularidade delle augmentava, dia a dia, fossem maus ou bons os seus films. Era logicamente, uma boa "mina"... O Studio, por seu lado, atirava-o de film para film. Não tinham intenções cruéis, é logico, mas era um bom negocio que faziam e nada mais lhes importava. Se a Paramount lhe offerecesse férias, elle as pederia, mas como não as offereciam, o seu orgulho não permittia pedir.

Avisado como poucos, Gary sabe, perfeitamente, que popularidade é cousa que não dura mais do que cinco annos, no maximo. Uma propria phrase sua define o caso.

— Sei que apenas tenho uma cara e nem por isto ella é tão boa como dizem.

Elle sabe, tambem, que está dando os melhores annos da sua vida á sua carreira no Cinema, annos que outros jovens occupam em assumptos tambem lucrativos e de menos desperdicio proprio. Elle sabe, ainda, que quando deixar o Cinema, será tarde demais para começar, outra vez, em outra cousa e, principalmente, que saude é cousa que não se compra. E' logico, portanto, que elle procure conseguir, por todos os meios, fazer os melhores films possiveis, para que, dessa fórma, perdure a sua fama. Quer fazer quantos sejam possiveis e, principalmente, approveitando o pagamento que é bom. O anno passado, portanto, pondo-o o Studio em sete films, acceitou-os elle com alegria.

Sete. Significa isso alguma cousa para você, leitor?

— Os artistas levam uma boa vida.

Dizem muitos.

— Ficam sentados e conversam.

Acrescentam alguns. Se é isto que pensam, todos, enganam-se, redondamente. Pode parecer mentira e não será ninguem obrigado a crer, se não quizer, mas o facto é que o trabalho de um artista de Cinema é oito vezes mais exhaustivo do que qualquer outro. Supponha que levam seis semanas para concluir um film. Durante essas seis semanas, entretanto, a tenção nervosa de todos que o fàzem é tão intensa, que a de um anno, para um empregado de escriptorio, não se lhe compara, absolutamente. Fazendo sete film, num anno. Gary, portanto, gastou as energias de sete annos para um empregado de escriptorio de movimento grande. Acham que isto é pouco?...

Em doze mezes, Gary fez seus sete films. Apenas no começo do presente anno, quando Janeiro já lhe trouxe um novo grande programma de producção, é que elle começou a comprehender que não teria forças sufficientes para arcar com a responsabilidade que os mesmos lhe poriam sobre os hombros, com certeza. Como qualquer pessoa sadia, ignorava elle qual fosse a sua doença. Não podia admittir, mesmo para si proprio, que se sentisse mal. Envergonhava-se só em pensar que se enfraquecera. A um amigo, apenas, confiou elle o que lhe ia pelo intimo todo.

— Tenho-me sentido mal, ultimamente. Uma cousa engraçada: sinto-me exhausto! Parece que me andam surrando, continuamente.

O amigo bateu-lhe nas costas e lhe disse.

— Vá para casa, seu "farrista" e durma cedo que é esse o seu mal...

Isso já andava elle fazendo, ha varias noite, sem, comtudo, sentir melhora alguma. Depois disso, então, jamais tornou a abrir a bocca para se queixar, fosse a quem fosse.

E o trabalho proseguia, sem remorsos.

Gary tinha trabalhado sob tremenda acção nervosa sem féria alguma, a não ser a breve, brevissima, mesmo, que annualmente tinha, de alguns dias, apenas.

Surper-esforçando-se, para conseguir, dessa fórma, fazer o melhor papel da sua carreira, empregou elle todo o seu sacrificio de energias para a confecção de **Marrocos.** Para dar realce a Marlene Dietrich, metade de suas scenas foram cortadas e afastadas do film. Foi, para elle, um desapontamento cruel.

Longe de lhe darem descanço, atiram-no para o principal, papel de **The Spoilers.** Elle perdeu quinze libras de peso, durante a confecção do mesmo Ainda sem descanço, fez elle, a seguir, **Fighting Caravans.** A companhia, para fazer este film, permaneceu cerca de dois mezes no meio das peores condições climatericas imaginaveis, ao norte da California e, tudo isto, concluido foi com um mez de filmagem de internas do Studio, dentro da usual violencia de trabalho. Além disso, Gary trabalhou sob o effeito já previsto, antes de o começar, de não gostar do film e tendo que acceitar ordens -- naquella scena de ouvido no chão, para perceber o ruido dos indios, por exemplo — de cerca de vinte supervisores, cada qual delles menos ainda sabendo a respeito de films de oeste. Ainda sem descançar, puzeram-no em **City Streets.**

Cahiu, ahi, tudo.

A situação physica e de saude, de Gary Cooper, então, passou a ser cousa publica e notoria. Não era preciso fazer mais esforço ou sacrifio algum para perceber. Um dia, durante uma das filmagens de **City Streets.** tomou elle o seu **lunch** em companhia de Richard Arlen e Eugene Pallette. São, os tres, as figuras mais unidas do Studio. Dick e Eugene estavam perfeitamente fortes. Na sua voz de baixo. Eugene mimificava as attitudes de Charles Rogers, em outra mesa. Dick contava qualquer cousa a Gary e, por fim, contou-lhe uma piada qualquer. Elle nem sequer riu. Sorriu com grande sacrifio. Quando Dick voltou-se para elle, viu-o pallido, sem forças. Accudiram-no. El-

(Termina no fim do numero).

Duncan Renaldo...

Pena que na "Ponte de S. Luiz Rey" tivesse encontrado Lily Damita e em "Tradern Horn", Harry Carey.

Aqui estão cousas de Cinema, enfeixadas num só artigo. Opiniões sobre factos occorridos na industria, dados de interesse para os *fans*, "cocktail" de informações variadas, realmente. Apuremos, depois, que tal nossos leitores acharam a idéa.

——oOo——

Howard Higgin, director de varios films e scenarista de outros tantos, entre os quaes uma serie, para a Paramount, de parceria com Sada Cowan, resolveu tentar conseguir um novo systema de apresentação de films. Isto é: transformar os quadros todos de um film em um quadro de perfeição artistica invejavel mesmo para um pintor celebre. A primeira historia sua, neste genero, a qual elle está occupado, filmando, intitula-se "Farewell to Love" e, nella, está toda a sua idéa sobre a nova technica que deseja tentar, para apresentar, em seguida, como uma faceta nova da arte do Cinema, nas suas innumeras possibilidades.

A sua idéa envolve o emprego de um "scenario visual", no qual cada scena seja um quadro e, neste, sejam as scenas todas illustradas por um artista capaz. Quando estiver concluido este "scenario visual", mostrará todos os detalhes da producção: os angulos de machina, como forem apreciados de um angulo puramente artistico; montagens invulgares auxiliando, com suas forças, o valor emocional da sequencia; em summa, effeitos os mais modernos, curiosos e differentes para conseguir o resultado a que se propõe o director e creador da inovação.

Affirma Howard Higgin, que muita da belleza pictorica dos films, notavel nos tempos dos trabalhos silenciosos, foi-se com a entrada dos films falados. O dialogo e os effeitos dramaticos dos themas falados têm liquidado virtualmente os effeitos majestosos da natureza.

O emprego, assim, de um scenario absolutamente visual, traz innumeras vantagens, algumas das quaes são apontadas pelo proprio Higgin Em primeiro, elimina toda e qualquer incerteza e experiencia, o que, só por si, será um consideravel poupador de tempo. Os angulos de machina são estabelecidos, a selecção de indumentaria é simplificada e de tudo fugirá a duvida acerca dos resultados.

A concepção artistica de uma scena tem sido usada em casos excepcionaes, anteriormente, é verdade, mas esta é a primeira vez em que se tentará illustrar um scenario todo. Por exemplo: Frank Borzage, que dirigiu *Anjo das Ruas*, com Janet Gaynor e Charles Farrell, fez um artista pintar um quadro, dando, assim, a sua idéa a respeito de uma scena que elle iria fazer viver com Janet, deante da côrte de justiça, accusada pela violação de codigo da moral.

Borzage queria mostrar a brutalidade, a deshumana crueldade desta cousa que chamamos justiça, mas de uma maneira photogenica. Fez um artista desenhar a scena como elle a imaginava. O illustrador entregou-lhe, afinal, um *sketch* summamente invulgar, desenhado como se o artista tivesse apreciado a scena de cima e de traz da cadeira do juiz.

Apanhava, grandes os hombros do juiz e, pelo vão do mesmo, ao fundo, pequenina e simples, entre dois guardas da lei, a figurinha quasi franzina da artista. Comparada com a perspectiva do quadro, ella assemelhava-se á um pigmeu deante de um gigante. Era a criança sem arrimo nas mãos da justiça... Photographando a scena, Borzage seguiu o *sketch* em toda a linha. E' o que Howard Higgin vae agora tentar: fazer um film todo de quadros previamente imaginados e todos invulgares, de aspectos meramente visuaes e absolutamente artisticos.

——oOo——

Consultado sobre o Cinema, actualmente, Will Hays, o chamado *czar* do mesmo, pois é

Will Hays, o Ministro do Cinema dos Estados Unidos, nos tempos de Baby Peggy E' verdade, onde está Baby Peggy?

o representante do Governo que manda e controla todo movimento da quarta industria americana, disse elle algumas palavras que aqui reproduzimos:

— E' facto evidente que o publico americano já não supporta mais essa serie de argumentos sobre quadrilhas de contrabandistas e historias de banditismo, em fórma de literatura, peças de theatro ou films. O publico quer historias limpas, tiradas da vida da nossa patria ou focalizando assumptos mais decentes. Esse desagrado geral ainda ha de se mostrar

COCKTAIL...

tão patente que o productor será forçado á um immediato e rapido recuo. O que os frequentadores de Cinemas querem, são films que tenham romance, poesia e belleza. Estes, sim, interessam sempre, a vida toda.

——oOo——

O Rev. W. H. Stranberg, ministro methodista, declarou, recentemente, que as artistas de Cinema, com seus divorcios e seus escandalos, são as principaes e unicas responsaveis pela degradação constante dos costumes sociaes da nação toda.

Esquece-se o referido ministro, em má hora, do velho exemplo que citámos e vimos perguntando, em defesa do Cinema: existia alguma *camera*, alguma Mae Murray ou alguma lei sobre divorcio no tempo de Nero?... Messalina guiou-se pelos modos de uma Myrna Loy para viver a sua vida de escandalos?...

O Cinema jamais perverte. O exemplo da vida privada de seus artistas, sempre exposta ao publico como se fosse um aquario, justamente por serem elles artistas, não é peor do que o exemplo que a sociedade diariamente offerece ao mundo, pelas columnas policiaes dos jornaes. Ser artista é ser escandaloso. Theoria que ainda ha de cahir, apesar de tudo...

——oOo——

Opinião de Douella O. Parsons, chronista de Cinema do "Los Angeles Examiner", sobre o problema actual do Cinema.

— Se os productores continuarem, assim, com esses dramas sobre sexualismo, cahirão, fatalmente, nas garras sempre abertas da inescrupulosa censura. Se films mediocres e sordidos dominarem o mercado, teremos que ter censores aos nossos calcanhares e não teremos de que nos queixar. Estamos, com a producção actual, em quasi sua totalidade, um exemplo que paga a pena de um censor ao nosso lado, irreverente, cretino e prejudicial, como sempre.

O theatro, receando, justamente, talvez, a tremenda concurrencia dos films falados, entrou por uma phase que é a cousa mais inacreditavel da historia da arte theatral americana: dramas que são poços de falta de moral. Com isto pretendem conseguir publico e afastal-o, assim, do Cinema. Films, entretanto, não precisam seguir essas pegadas para derrubar peças. Se seguirem, ahi sim, encontrarão fatalmente a morte total.

Não sou nenhuma Anthony Comstock. Reformista, tambem, não sou. Sempre combati os censores e até á morte os combaterei. O drama malicioso e de linguagem livre, presentemente, entretanto, bem merece um reparo severo. A minha secção, aqui, já tem recebido centenas de cartas, reclamando contra a moral dos films recentemente exhibidos e, nada podemos responder a não ser dando razão ao missivista. Aprecio um thema ousado e malicioso, como poucos, mas quando elle seja sophismavel ao ponto de só a intelligencia attingil-o e não a baixeza de um detalhe menos velado, como, presentemente, tem sido commummente mostrado.

O primeiro film sobre quadrilhas de contrabandistas, sobre vida de bastidores e sobre crimes, tiveram succedaneos innumeros. Uma verdadeira calamidade! O nosso aborrecimento, entretanto, é muito pequenino comparado com aquelle que vae pelo paiz todo. Já não se pode mais convidar uma moça ou uma criança para ir ao Cinema. Ha o constante receio da immoralidade falada, peor, cem vezes, á mostrada, com o véo do sophisma. Não esperamos assistir só a films educativos e nem só a films puros como a côr de um lyrio, mas tambem queremos sahir dessa lama em que nos vemos atirados.

Isto diz a chronista. Cousas do Cinema falado, dizemos nós... E o commentario vem de lá, não se esqueçam...

——oOo——

Ainda é tempo para citarmos, aqui, um commentario que não é nosso, sim do *Film Daily*, a respeito de o *O Cadaver Vivo*, film dirigido por Fedor Ozep e interpretado por W. Pudovkin, que tambem é director e ao qual se attribuiu o "valor do mesmo

Aqui a critica que é sensata, pois tem elogiado trabalhos estrangeiros e não nega applauso ao que merece:

— SOTURNA PRODUCÇÃO RUSSA DO ARGUMENTO DE TOLSTOY. NADA TEM PARA AS PLATÉAS AMERICANAS. PRODUCCÃO FRACA.

Produzida pela Meschrabpom-Film, de Moscou. Esta adaptação, para o Cinema, da celebre obra posthuma de Tolstoy, é algo de terrivelmente soturno e sordido, todo elle. Foi tratada na maneira melhor — ou peor — da tradicional morbida fórma russa de espectaculos e, della, é a mais morbida de todas. Tristezas e tragedia sahem de todas as frestas do film. E' um espectaculo que é o estudo das reacções mentaes e espirituaes de um triangulo de personagens, onde o marido, Fedja, finge suicidar-se para que se casem a esposa e o amigo, pela felicidade. O drama tem todas as phases descriptivas de Tolstoy e a propria conversação. Não tem acção dramatica photographada para elevalo. A quantidade de subtitulos necessarios para explical-o, no seu desenvolvimento, tornam-no muito pesado e monotono. Mesmo que não fosse o que é, isto é, mesmo que fosse um bom film, o povo americano não o acceitaria.

O "Syracuse Herald" faz o seguinte commentario sobre a opportunidade dos "extras" nos films e do accesso dos mesmos á gloria:

(Termina no fim do numero).

Dorothy Jordan...

...XIMO

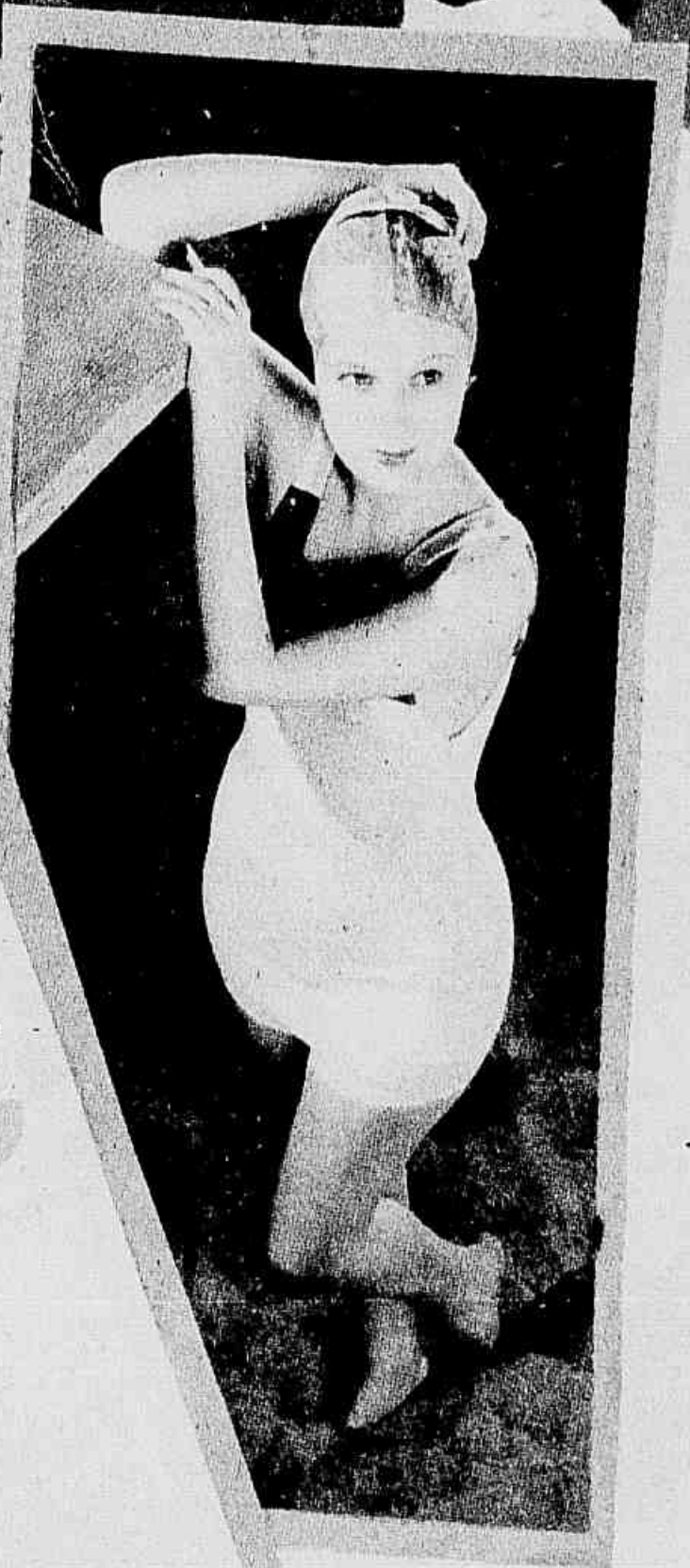
ELLA SERA'
SEMPRE
AQUELLE
"LYRIO"
COMO
BETTY
BRONSON
FOI
PETEN
PAN
E MARY CARR
A ALMA DE
"HONRARÁS TUA MÃE"?

AGORA,

SIM...

ANTES DE,
DEPOIS
DO
"LYRIO
DO LODO"...

Marrocos

(Continúação do numero passado).

toda a attenção possivel... Um barulho de motor de automovel ouviu-se e a attenção de Tom fixou-se no ponto de onde vinha. La Bessiére saltou e, depois delle, pela sua mão, Amy.

Amy! O coração de Tom sentiu-se confrangido. Procurou alguma cousa onde se encostar, para não trahir a emoção que lhe varava o coração. Encontrou duas mulheres que estavam ao seu lado. Abraçou-as, com força. Ellas sorriram e elle fez-se muito amoroso com ambas. Os olhos avidos de Amy encontram o grupo de Tom e das pequenas. Tom percebeu que ella os fixava e perguntou a Rosine, uma dellas:

— Serás fiel á mim?

— Peça-me uma cousa mais facil...

Respondeu, rindo, a pequena. Depois beijou-o com impeto e elle correspondeu, affectado, apenas para fazer Amy desistir. Mas ella encaminhava-se para elle. Elle continou brincando com as pequenas. Seu coração, entretanto, mais e mais suffocado ficava, ao passo que os passos se approximavam, mais e mais.

— Por que fugiu a noite passada?

Foi a primeira pergunta que ella lhe fez. Depois, firme, respondeu sem hesitar.

— Não vês que ainda tinha muitos assumptos a tratrar?...

E maliciou bastante a resposta, mais ainda apertando contra si aquellas duas creaturas.

— Uma mulher não é sufficiente para você?...

Tornou Amy a perguntar, lentamente.

— Tens razão! E' isso mesmo! jamais fiz fé em uma só mulher!

Amy voltou o olhar em direcção á La Bessiére. Ao lado da **limousine**, elle esperava, paciente.

— Creio que você tem a razão!

Disse ella, impetuosa e frizou bem as palavras que disse. Tom emendou, dizendo adeus á pequena que tinha ao seu lado:

— Adeus, Renée!!! Vamos, beije-me!!!

A creatura obedeceu e os labios de ambos se collaram, naquelle fingida despedida. Amy não se movera ainda. Tornou a perguntar, de uma fórma exquisita, differente:

— Por Deus, Tom, por que partiu você a noite passada, daquella fórma?... E não me dirá ao menos agora um adeus?...

Estendeu-lhe a mão. Elle respondeu com um secco "até á volta" e avançou um pouco para apertar a sua mão. Renée e Rosine ainda estavam sob seus braços. Ouviu-se nesse instante um tóque de trombeta. Tom, apressado, salvo por aquella situação, beijou de novo as pequenas e voltou-se para o seu **rifle**, tomando, em seguida, posição na fila. Não tornou a olhar Amy. Não confiava muito em si mesmo. Naquelle momento, se alguma bala o atingisse, sentir-se-ia impossivel, isto sim. Tirou o saiote, arrancou as meias, rapidamente e enfiou-se mais rapidamente ainda dentro dos seus proprios agazalhos. Foi ao penteador para se arranjar...

Um punhal atirado ao encontro do seu peito não a teria ferido tanto. Cambaleou. Aquellas palavras, escriptas, luziam mais do que se fossem phosphorescentes!

— Tom!!! Tom, meu Tom querido... Volta! Volta para mim!!!

Sabia, entretanto, que futeis eram todas as suas lagrimas. Cahiu brutalmente sobre uma cadeira. Sentia que lhe haviam arrancado metade de todo ser...

Fulminaram varios pensamentos pelo seu cerebro quasi doentio, já.

— Elle é um covarde! Não, não o é... Sentiu-se fraco, talvez... Não! E' bravo demais para desertar... Não me ama! Mas elle me ama, Deus meu!!! Eu sinto sobre meus labios a furia dos seus beijos, ainda... Não me amaria, com violencia, se me beijou dessa fórma?... Tom! Tom!!! Tom!!!

Começou ella a gritar, numa agonia intensa. Viram-lhe lagrimas, com brutalidade, com impetuosidade rara. Foi ali mesmo que La Bessiére a encontrou, minutos depois, quando voltou.

— Posso entrar?

O som da sua voz tirou-a da lethargia em que se achava. Deixou a amargura e vestiu novamente a sua antiga mascara.

— Não. Vá-se embora!

Pensou melhor, rapidamente, accrescentou, logo depois

— Espere! Meu amigo, espero de si um acto de heroismo.

— Qualquer que elle seja, querida.

— Preciso vel-o, antes de partir o seu batalhão. Levar-me-á você a elle?

— O meu carro a esperará ás cinco. Eu irei comsigo, onde quizer.

— Muito obrigada!

La Bessiére curvou-se, sahiu. Ella ficou ainda immersa nos seus pensamentos: "por que teria elle partido?"... Como a perseguissem as letras que Tom deixara gravadas no espelho, collocou ella uma cesta com flores defronte ao mesmo e occultou, assim, aquillo que bem desejaria enviar de vez para o passado.

* * *

... A despedida de Tom, da cidade, foi a mais ardente possivel. Beijou, até chegar ao ponto de partida, todas as pequenas que conseguiu beijar. Ellas já o conheciam, pela fama que tinha e, assim, davam-lhe mensamente feliz. Formou-se a companhia. A' cabeça do batalhão formavam os tambores. Cezar deu a ordem de marcha e todos puzeram-se em caminho.

Amy caminhou lentamente ao encontro de La Bessiére. O batalhão afastava-se, lentamente. Se a agonia de Tom era immensa, a daquella creatura não conhecia limites. Mechanicamente ficou á espreita da columna de homens que se afastava, lentamente. Depois, no meio delles, viu Tom. Não se contendo mais, sem forças, já, para reter o coração, gritou, num arroubo:

— Escreva-me!!!

Tom ouviu-a. Não conseguiu perceber o tom da sua voz, respondeu, calmo:

— Sim. Todos os dias...

O sarcasmo da resposta poz o coração de Amy em farrapos. Era o ultimo golpe. La Bessiére, durante a scena toda, permaneceu imperturbavel. Sufficiente acostumado á vida, sabia, perfeitamente, onde estava o coração de Amy naquelle momento. Intervir seria tarefa inutil. Quando ella já se preparava para voltar para a companhia de La Bessiére e partirem, viu um grupo de mulheres que seguia, longe dos soldados, como podiam e quasi todas em andrajos, montando camellos e mesmo a pé. Curiosa, perguntou:

— Quem são aquellas mulheres?

— Uma guarda de favoritas...

Respondeu elle. Amy não comprehendeu La Bessiére explicou-lhe que eram mulheres que acompanhavam seus homens, pelo deserto todo, mulheres que esqueciam a propria vida pelos homens que amavam.

— A's vezes chegam ao destino que seguem, ás vezes morrem pelos caminhos. Quando conseguem chegar, nem sempre acham os seus homens com vida...

Com ironia profunda, depois de sorrir longamente, Amy respondeu:

— Devem estar loucas!...

La Bessiére respondeu um "sei lá!" com certo amargor, no canto da phrase... Depois, emquanto entravam para o carro.

— Amam os seus homens, Amy...

Amy sabia que aquillo era verdade e respeitava aquellas mulheres. Poderia ser escrava de Tom. Mas aquella dureza, aquella ironia... Refugou a idéa, immediatamente, com certo azedume, mesmo.

Disse ella a La Bessiére. Naquelle momento, apenas pedia a Deus que lhe viessem aos olhos as lagrimas todas que já lhe faziam o coração ferido...

* * *

Esquecer Tom...

Esquecer Tom, para Amy, nos dias subsequentes, foi a necessidade imperiosa que não conseguiu afastar de si. E, quando chegou aquella manhã á sua casa, encontrou-a mais vazia e mais indifferente do que nunca. Fechou-se. Chorou, violentamente, miseravelmente. Depois, pelo cerebro, reviveu, naquelle instante de cruel desgosto, todo o seu passado de desgostos e aborrecimentos. Os homens do seu passado vieram visital-a, naquelle instante e, ao seu lado, vieram todas as amarguras da sua existencia... O ultimo delles, cruel e vil, fizera com que ella se enfarasse da Europa. Foi quando lhe veiu a idéa de Marrocos. Seria o esquecimento, uma nova vida, talvez... Mas ali encontrara Tom... Havia adiantado alguma cousa a sua fuga?... Não era, por acaso, mais cruel e mais terrivel este castigo que agora lhe dava Deus, do que todos os seus demais soffrimentos?...

No café, pelos dias subsequentes, Amy viveu amarguras crueis. Não ligava ao seu trabalho e a proporção da venda das suas maçãs e dos lucros de Lo Tinto eram sempre diminuidas. Nada lhe fazia interesse e quando Lo Tinto a procurava e lhe pedia que mudasse, tinha que sahir ás carreiras do seu camarim, antes que lhe attingisse algum objecto que na certa ella lhe atirava, em furia tremenda.

La Bessiére continuava apparecendo sempre. Todas as noites, mesmo, sem cessar e sem desanimar. Sempre delicado, sempre suave e distincto, mais francez do que todos os francezes. Deveria ella aceitar o que lhe offerecia La Bessiére? E Tom? Que era feito delle?... Seria possivel que um homem com a experiencia do mundo, como La Bessiére, sabedor de tudo, ainda assim quizesse levar a cabo o que promettera? E ella? Deveria ella sacrificar-se ao homem que não amava?...

Foi ahi que ella começou a beber para esquecer... Fazia-lhe bem o esquecimento que lhe trazia o alcool.

A's seis da tarde, appareceu La Bessiére. Trazia rosas lindissimas comsigo. Lo Tinto avisara-o de que ella estivera bebendo sem methodo o dia todo. Quando elle entrou no seu camarim, encontrou-a sentada á sua mesa de pintura. Saudou-o ella com uma entonação visivelmente embriagada e extremamente alegre na voz. As flores foram recebidas com effuzivas demonstrações de alegria. Pelo quanto ella bebera e pelo que via em redor de si, La Bessiére disse, em fórma seria e pesada:

— Você ouviu falar em Brown ou soube qualquer cousa a respeito delle, não foi?...

Ella demorou a responder, mas a sua resposta foi uma violenta gargalhada.

— Disse alguma cousa tão engraçada assim, Amy?

Ella se conteve e, já seria, respondeu:

— E por que, então, pergunta-me você se ouvi falar delle ou delle soube alguma cousa?... De-me de beber, vamos!

Terminou ella, depois de pequenina pausa. Quando ella se levantou, depois de regeitar a bebida que elle lhe offerecia e que ella mesma pedira, afastou amargamente a cesta de flores que se achava diante do espelho e La Bessiére leu aquillo que Tom escrevera, antes de partir, com o **baton da maquillage**.

Ella tornou-se violenta, furiosa. Arrumou champagne sobre o espelho e, depois, objectos que o partiram em mil pedaços. Depois, louca de dor, gritou para La Bessiére.

— Tire-me daqui, vamos!!!

Correu em seguida para a mesa, apanhou a boneca chineza que tinha e, pelo braço de La Bessiére, sahiu, impetuosa, verdadeira doida, naquelle assomo de profunda dor e colera desesperada.

Lo Tinto achou esplendida a solução que o caso ia ter. La Bessiére ia leval-a comsigo para casa e, assim, não estava elle mais sujeito ao contracto e nem aos estrago que ultimamente ella andava fazendo na sua casa e nos seus freguezes, tambem...

* * *

Tom, muito distante dali, soffria os mesmos desgostos que affligiam Amy, mas em fórma de um homem experimentado que já sabe o que é a vida. A mulher que elle voluntariamente deixara nos braços de outro, era a verdadeira creatura que elle profundamente amava. As suas noites de deserto, emquanto não se approximavam dos **riffs** assassinos, eram noites que clamavam pelos beijos de Amy e pela suavidade do seu olhar bom e sensual. E, além disso Tom esperava a todo instante a trahição de Cezar, pelas costas e, assim, para a sua vida já não havia o menor socego.

A Cezar, entretanto, sahiu o tiro ás avessas. Num ataque á uma metralhadora que estava devassando as tropas dos legionarios, Cezar puzera-se bem atraz de Tom, certo de o attingir com a bala da vingança. Entretanto Tom, agil e esperto, livrara-se della e, quando o seu inimigo ia passar de uma pedra para outra, para lhe apreciar a agonia, com certeza, pois julgara que o havia attingido, ouviu uma descarga de metralhadora e, em seguida, um seu gemido longo e lento. Perguntou se lhe podia ser util. Mas a resposta foi um novo gemido e longo novo silencio, em seguida.

Outras enormes emoções passaria ainda Tom, ali, antes de que sua vida pudesse tomar novo rumo...

* * *

La Bessiére, em sua casa, prodigalizava a Amy tudo quanto de mais delicadezas achava no seu repertorio de cavalheiro gentilissimo. A sua casa era uma verdadeira maravilha de bom gosto e estetica e, além disso, o conforto que elle depoz aos pés de Amy tornaram-na escrava do generoso coração daquelle homem sympathico.

No mesmo dia em que chegaram, Amy falou a La Bessiére.

— **Monsieur**, tenho uma divida para comsigo.

— Não falemos nella, peço-lhe...

— Mas é que, agora, sinto-me mais devedora ainda do que antes...

— Querida, não me fale de dividas, peço. Além disso, ha quatro semanas que eu a espreito. Mas não me interprete mal, sim? Espreito-a, com calma. Hoje pediu-me que a trouxesse aqui. Era este o instante que eu esperava para minha satisfação.

Amy julgou ver naquelle homem, naquelle momento, a mesma tactica fingida de Jacques la Coste, um dos homens que haviam causado a sua razão de não crer no mundo, absolutamente.

Levantou-se para partir. La Besisére oppoz-se. Insistiu que ella ficasse, para descançar. Amy perguntou, num impeto.

— Mas por que me esteve a observar? Por que me tem tratado com tanta gentileza? Não tem, por acaso, os mesmos sentimentos que têm os outros homens?... Será differente?... Não o creio!!

Depois, vendo que elle calava e continuava sempre sympathico a olhal-a como se nada houvesse, accrescentou:

(Continúa no proximo numero).

John
Mack
Brown

GUSTAV FROHLICH EM

Ao lado de Albert Basserman em "Vorunter suchung"...

Quem fala, é Gustav Fröhlich, galã allemão dos mais conhecidos e principal figura de varios films já aqui assistidos, inclusive *Asphalto, O Canto do Prisioneiro, Metropolis* e alguns outros importantes trabalhos. Ha bem pouco, foi elle contractado para Hollywood, afim de fazer, para a First National e para o Warner Bros., tambem, algumas versões allemãs de films originaes. Achase elle, agora, novamente na Allemanha, pois a Ufa o contractou em condições especiaes e está filmando, sob as ordens de Hans Schwartz, *Instrucção Judicial,* uma producção de vulto. As suas impressões sobre Hollywood, portanto, devem interessar aos *fans* em geral.

—

— Minha primeira impressão de New York?... Sinto ter que contrariar á opinião corrente. Não me pareceu, ella, tão importante como dizem. Digase, em prol da verdade, que nisto muito influiu o facto de haver nosso vapor fundeado em Brooklyn, junto de armazens, sujeira e casas para operarios, as mais sordidas, ao em vez de fundear em Manhattan, rasgando todo o horizonte de arranha-céos que não vi, de tal maneira. Desembarcando, assim, em um bairro analogo a varios da Europa meus conhecidos e nada vendo de anormal, tive que ter o juizo já emittido acima.

Se o desembarque me deixou assim um tanto ou quanto frio, foi-se a mesma transformando, aos poucos, tanto quanto me fui approximando de Manhattan, na viagem que de automovel para lá fizemos. E foi, lá, que tive a primeira forte impressão da vida nos Estados Unidos. Vagarosamente, teve nosso carro que passar junto á uma das cousas que os americanos chamam de *bread line.* Alinhavam-se, uma a uma, centenas de pessoas que formavam a "linha do pão", traduzindo o termo, ou antes, a linha de indigentes que pediam o seu prato de sopa e o seu pedaço de pão. Os trabalhadores sem trabalho não recebem do governo soccorro algum do Estado, mas a terrivel crise economica que o paiz atravessa, reflectese, bem, nessas "linhas de pão", que são a prova evidente da miseria reinante entre as classes trabalhadoras.

Esta imagem não sahiu tão cedo da minha memoria. Onde quer que fosse, ella parecia perseguir-me Estivesse eu no hotel, no *restaurante* ou num theatro, desses theatros de New York, de um luxo superior á qualquer palacio europeu, lá estava ella commigo... Uma noite, homem acostumado á vida européa, fui testemunha de uma scena quasi impossivel, para o meu espirito de europeu. Junto á uma dessas fileiras que esperavam a sopa nocturna, parou um carro de grande luxo e, saltando delle o *chauffeur* e mais um auxiliar, começaram a distribuir, ali mesmo, *sandwichs* e chocolate pelos que ali se achavam á espera. Sem uma palavra de agradecimento ou outra de censura, cousa espontanea e naturalissima, na Europa, em qualquer de suas nações, acceitavam aquelles homens a dadiva que lhes offerecia o rico philantropo. A expressão de tortura e resignação que impressa estava naquellas physionomias, entretanto, bem reflectia o estado economico e social da America do Norte, neste presente momento de universal crise.

Não deixou de me chamar a attenção, durante a minha estadia na metropole do Hudson, o espirito infantil de luxo e ostenção manifestado em todos os logares publicos e em outros, tambem. A infantilidade do povo americano, aliás, manifesta-se a cada passo e é um dos seus caracteristicos mais fortes e mais sadios, aliás. A juventude, pode-se dizer, é a verdadeira dona dos Estados Unidos e é este um aspecto que a velha e rheumatica Europa não conhece, infelizmente. A sua influencia é caracteristica nas ruas, na familia e na sua vida social, mesmo. Uma noite — recordo-me desta scena e cito-a como exemplo — presenciei, durante um passeio pela Broadway, quando era mais intenso o trafego, um carro Ford que tinha uma dezena de rapazes — o mais velho delles não tendo talvez dezeseis annos — cantando em côro e, nas physionomias, expressões interessantissimas de alegria e enthusiasmo. Celebravam qualquer cousa agradavel a um delles, e aos que por ali transitavam, pouco se lhes dava o alarido que faziam os mesmos, nem siquer volvendo qualquer um dos transeuntes o olhar em direcção aos mesmos... Na Europa, a policia teria posto incontinenti freio áquella manifestação de espiritos felizes. Mas, nos Estados Unidos, reconhece-se o direito do joven passar um pouco o limite da alegria. Longe de deterem o carro, os policias ainda fizeram o possivel para lhes facilitar o trafego, sendo vibrantemente applaudidos. Parecia, principalmente a mim, naquelle momento, que o carro dos rapazes tinha um valor symbolico: era a joven America, isto é, o porvir do paiz que passava alegremente pela Broadway.

Elle e H. Brausewette

Renuncio descrever a travessia do continente americano que fiz, em trem de luxo, para alcançar a California e, naturalmente, Hollywood, depois. São quatro dias seguidos, dentro de um trem, e isto, para um europeu, é demais, por maiores que sejam os confortos dos "Pullmanns". Chegando a Hollywood, entretanto, tive a impressão de que me encontrava de regresso á Allemanha. Caras conhecidas por todos os lados: Anton Pointner, Wladimir Sokoloff, Berthold Viertel, o hoje fallecido e infeliz Murnau e muitos mais. Não demorei em me sentir como se estivesse em minha propria casa, mesmo

Gustav e Anni Makart

Hollywood

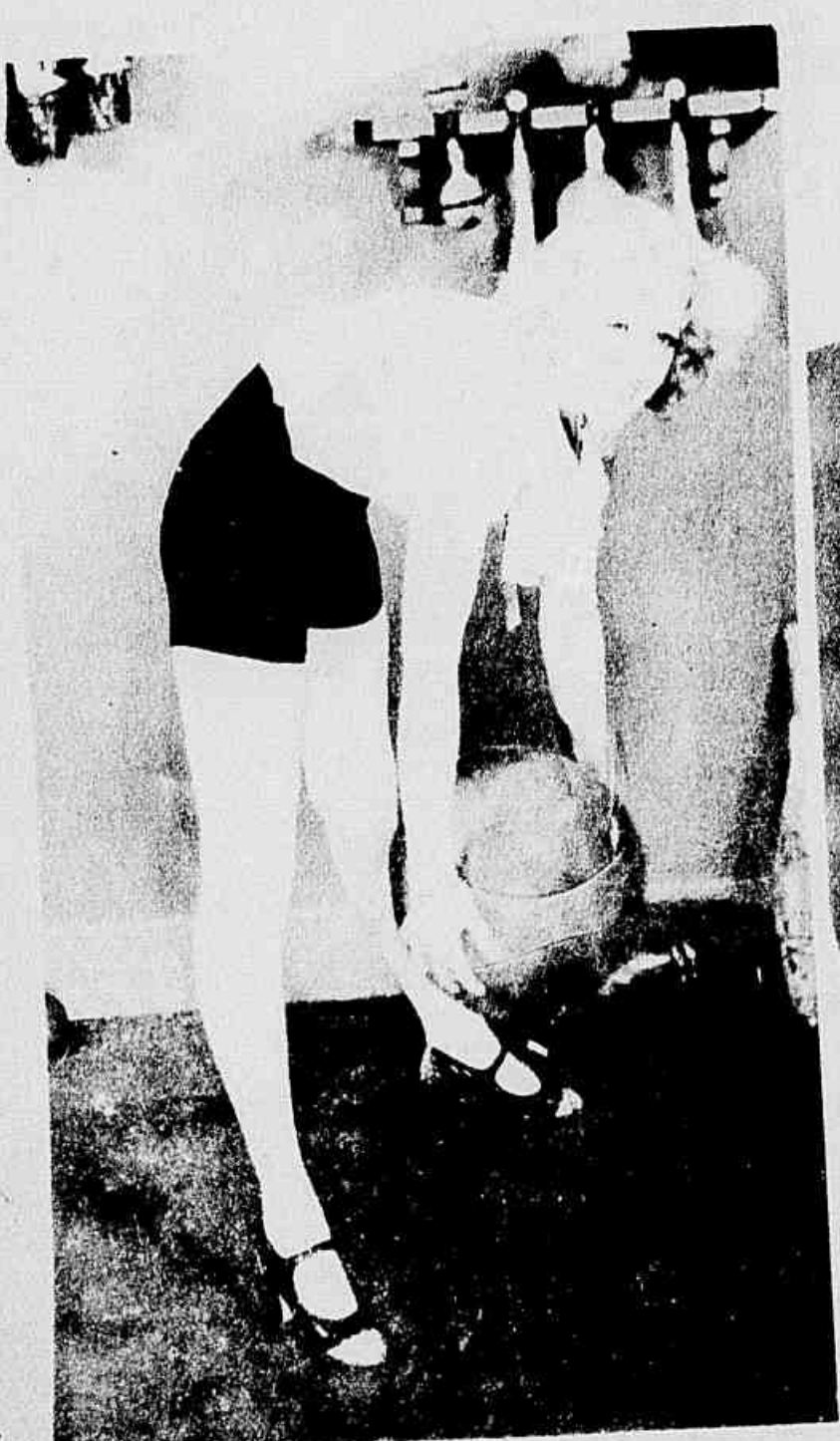
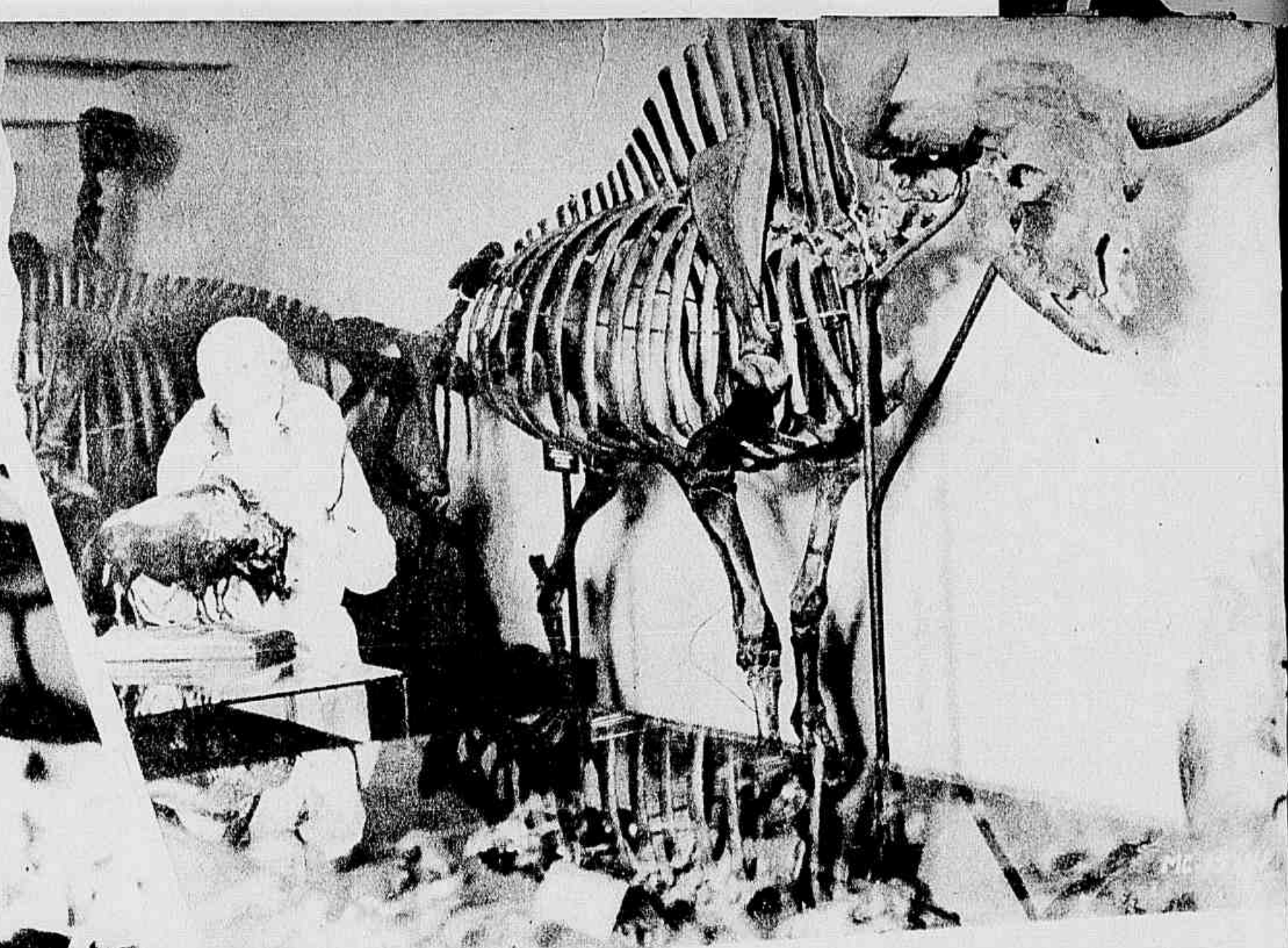
no Studio, posto que sejam radicalmente differentes os methodos de trabalho de Neubabelsberg e Hollywood. A differença, principalmente, é no trato. Muitas mais attenções dispensam-se ao artista, na Ufa, do que no Studio norte-americano. O cabellereiro, o criado, a camarista, figuras capitaes em Neubabelsberg, ao lado do artista, para qualquer cousa que elle precise, brilham em Hollywood pela ausencia. Que cuide o artista da sua propria *toilette* ou então, tome por si proprio e por sua propria conta um criado... *Help yourself!*, diz o americano: "ajuda-te a ti mesmo!" traduzo eu... Accrescente-se que exigem pontualidade e nada querem saber quando o artista não está prompto no momento certo e para o instante preciso.

Se vi em Hollywood — verdadeiro paraiso da natureza e da architectura, cidade de encantos, construida sobre collinas, inundada de sol, durante os dias e de resplendores, durante a noite — se vi em Hollywood á divina Greta Garbo? Não é isto que lhes interessa saber? Direi que sim e que, de facto, Greta Garbo é a mulher silenciosa e admiravel, inimiga da reclame e do escandalo, a figura mais modesta que já encontrei na minha vida e a mais admiravel, tambem. Ella é a mais festejada de todas as artistas de Hollywood e, justamente, por causa do seu silencio e do seu mutismo discreto e intelligente. A sua vida privada, então, é verdadeira incognita. A maior parte do tempo ella passa invisivel, ao lado dos mais intimos dos seus amigos. Quando não se acha no Studio, recluza está em seu lar, aberta apenas para um pequenissimo numero de amigos entre os quaes estão Viertel e estava Murnau. Fala com elles, discute factos e movimentos de Cinema e mostra-lhes, sempre, cousas novas e curiosas do seu lar. A sua vida é a mais sobria de todas. Quando precisa sahir, arranja disfarces e, assim, na maioria das vezes Hollywood não sabe que se trata della. Tem verdadeiro horror a entrevistas e aos photographos de jornaes e, por isto, vive em luta continua com a imprensa e seus enviados. Da polemica "Greta Garbo-Marlene Dietrich", ultimo assumpto de todos os jornaes e revistas, parece nem siquer estar informada. A unica cousa que fala e que quer, é regressar á sua Patria, principalmente quando tenha a fortuna que almeja ter e que conseguiu toda em Hollywood. Actualmente recebe ella a "pequenina" somma de 18 mil dollares por semana. Ha outras *estrellas*, entretanto, que não tem o seu valor e, no emtanto, ganham ás vezes até mais.

O mais interessante em Hollywood — de lado Greta Garbo, da qual acabo de falar... — é, sem duvida, a cidade de Tia Juana, do outro lado da fronteira e bem proxima á terra do Cinema. E' a cidade de todos os vicios, do jogo, da bebida, do *whisky* em profusão. Chega-se á mesma com poucas horas de automovel e, até chegar-se, gosa-se um espectaculo de natureza encantador. A primeira cousa que se divisa, quando se chega á fronteira, são grupos já do outro lado, juntos á mesas cobertas com vasos e garrafas, que gritam e saudam vivamente aos recem-chegados. Para lá entrar e de lá sahir, não ha o menor impasse. O governo americano, entretanto, é extremamente rigoroso para com aquelle que sahe de lá e regressa á sua terra, principalmente por causa do contrabando. A cidade de Tia Juana é um importante agglomerado urbano, composto, quasi na sua totalidade, de *bars* e casas de jogo aberto. Jack Dempsey, lá, é um dos principaes freguezes e a sorte, nas cartas, não lhe sorri da mesma maneira que lhe sorriu no *ring*... Ha roletas e mesas para jogo carteado espalhadas ao ar livre, até...

Acha-se a pouca distancia da cidade, o famoso hotel Aguacaliente, magnifico edificio, estylo hespanhol, capaz, só elle, de albergar umas duas mil pessoas. Seus pateos, sua piscina de natação, illuminada por baixo das aguas, durante a noite e toda de marmore, é alguma cousa de um luxo fantastico e entorpecente. Não menos "fantasticas" são as contas que se apresentam ao "freguez", depois de gosar de toda aquella maravi-

(Termina no fim do numero)

Anita...

Anita, queremos ver mais films seus! Chega de photographias. Depois de "O Destino de um homem", qual será o seu destino?

AS SUAS ULTIMAS "POSES"...

Valentino que eu conheci

Elinor Glyn, a consagrada escriptora, autora do "it" e creadora de successos formidaveis, como John Gilbert, Ronald Colman e outros, é a responsavel pelas linhas que se seguem. Ella conheceu Valentino e, por elle, teve intensa admiração. Vejamos o que diz ella deste vulto ha annos fallecido e sempre o mesmo no conceito do publico.

Foi em 1922 que Rudolph Valentino trabalhou ao lado de Gloria Swanson em "Beyond the Rocks", o segundo meu argumento que se filmava na America. Elle já tinha sido o heroe do grande successo "Os Quatro Cavalleiros do Appocalypse" e, delle todos diziam maravilhas de fascinação e brilho artistico. A primeira vez que me apresentaram esse homem, achei-o de elegancia exagerada e muito chegado ao typo vulgar de bailarino de **cabaret** que tanto pouco caso em mim despertava pelo lado pouco decente dessas vidas. Senti, contra elle, uma aversão irresistivel, cousa de momento. Depois de meia hora de conversação, entretanto, eu já conseguia advinhar o prodigio de elegancia moral dequelle homem e, ainda, a sua grande qualidade de fascinador expontaneo. Além disso, era um bom artista e dos mais sinceros, tambem.

Uma cousa elle sempre dissesara: que apreciaria immenso ter o papel de Lord Brackendale em **"Beyond the Rocks"**. (A Esposa Martyr). Representou-o com rara perfeição, aliás. Augmentei, ao papel, o facto de ser elle neto de italianos e francezes, isto para atenuar o facto de não ser elle, absolutamente typo inglez. Deixou-se vestir como imaginava a sua intelligencia e, quando comecou o film, apresentou-se perfeitamente inglez, dentro da elegancia e da moderação das attitudes e dos gestos.

Todos nós que estivemos acompanhando as filmagens deste assumpto, tivemos um devertimento agradavel e continuo. Representava com profunda comprehensão do que estava fazendo e, quando lhe dava eu alguma suggestão sobre o seu desempenho, procurava elle, immediatamente, seguir aquillo que eu lhe apontava e fazia a emmenda com rarissima perfeição, sempre. Naquelles dias, os films de sociedade nada revelavam da verdadeira vida que vivemos nós. Eram extremamente falsos. Apresentavam, quasi todos, aspectos que suppunham agradar ao publico e que não eram, positivamente, a causa que todos queriam assistir. **"Beyond the Rocks"** marcou certa differença.

Eu costumava conversar muito com Valentino, nos intervallos para **lunch.** Os seus sonhos eram grandiosos e, já naquella occasião, lastimava elle que tanta cousa ôca se fizesse, sem nada apresentar de notavel, em materia de representação. Elle tinha, acima de qualquer outro, um **savoir vivre** que o tornava delicioso, simplesmente e, isto, em parte por causa da sua extrema habilidade de latino em comprehender intelligentemente as situações da vida e as suas consequencias, tambem. Tinha, além disso, um grande senso de valores. Antes de viver seu papel, lia-o varias vezes e, delle, procurou tirar o melhor partido para si.

realisadores de Hollywood... Depois que terminou o film, perdi Valentino de vista e apenas o tornei a ver, varios annos depois, quando elle já era immensamente famoso e creio, havia sido grandemente influenciado nas suas constantes brigas com os productores. Encontrei-me com elle, num navio que vinha da Inglaterra, onde elle fôra descançar alguns tempos. Achei-o muito mudado. Havia, mesmo, nelle, qualquer cousa de uma arrogancia **snob** que anniquilava grande parte do seu expontaneo **charm.** Para com as pessoas que julgava importantes, na Europa, era exaggeradamente attencioso. Os seus sensos de valores, parece, haviam-no deixado, totalmente...

Quando o tornei a ver, tempos depois, a vida já lhe devia ter dado alguma bordoada, porque voltei a encontral-o simples e bom, o mesmo Valentino que fôra meu esplendido companheiro durante as filmagens de **"Beyond the Rocks".**

Antes da sua morte, pouco antes, mesmo, tive a felicidade de ainda o encontrar uma vez. Era o mesmo velho Valentino de outros tempos, delicado, attencioso, sem pretenção alguma. Alegramo-nos, immenso, de que o Cinema já estivesse levando a serio certos problemas e já se estivesse civilisando, sahindo da rotina do lado falso da vida na qual andara tanto tempo immerso. E que pena que elle não tivesse alcançado o Cinema falado! Era tão formidavel a sua voz... Era resonante, profunda, qualquer cousa de romantica e linda que ainda não ouvi semelhante em ninguem...

Lembro-me, especialmente, de um incidente que se deu durante a filmagem a qual me venho referindo. Achavam-se os amantes quasi no ponto de um idullio e o director, em gyra americana, ensinava-os a se emocionarem. Elles não pareciam estar apanhando o espirito da scena e Valentino, nesse momento, voltou-se para mim e murmurou: "Diga-nos, Elinor, as mesmas palavras que se acham escriptas no seu livro, sim?". Eu, emocionada com essa prova de delicadeza que elle me dava, disse com impeto aquillo que elle e ella queriam ouvir. Gloria quasi chorou e Valentino commoveu-se profundamente a, ponto de realisar quasi milagrosamente aquella scena. Tudo que era poetico e bonito, na vida, tinha para elle uma profunda significação.

Elle confiava muito em si proprio e acreditava muito em si mesmo. Nenhum homem, no Cinema e fóra delle, póde ter "it" sem essa confiança em si mesmo. E' precisa essa crença em si mesmo para que haja seducção. O segredo da grande fascinação que Valentino exercia sobre suas admiradoras, era o segredo do perfeito amante que elle era. Um mixto de paixão e ternura que jamais foi igualado e jamais o

A homenagem de Hollywood a Valentino.

Gradualmente, ao passo que o ia conhecendo melhor, falava-me elle, muito, de uma linda dama que apenas esperava a sua liberdade conjulgal para ser sua esposa. Ella era "differente", garantia-me elle e, mesmo, "muito differente das outras de Hollywood"... Coitado, accreditava profundamente em chiméras...

O original final de **"Beyond the Rocks"** foi feito exactamente como está no livro e foi, mesmo, a scena mais exquisita e differente q ue até hoje vi em films. Gloria Swanson e Valentino ainda não haviam mostrado verdadeira emoção. O director chegou a pensar num outro final, um final sem a menor psychologia. Foi feito o novo final e aquelle, o verdadeiro, foi dado de presente á mim que o consevo até hoje, projectando-o sempre que sinto saudades daquelle homem admiravel e cada vez que me lembro da cretinice dos

será. Elle tinha os "seus" modos e, nelles, era mestre magistral. O subconsciente das mulheres, por causa disso, sentiam-se intimamente aliviados e, dahi, o grande amor que todas lhe devotavam. Em casa ellas tinham "bons rapazes", "doces companheiros", paes indulgentes, irmãos affectuosos, maridos generosos, ma

(Termina no fim do numero).

Lá fóra, na neblina cinzenta e vaporosa da noite de outomno, em volta da fogueira, geme o violão, e as vozes dos ciganos cantam uma melodia triste e dorida.

Ali dentro, na penumbra morna e perfumada da "roulotte" nomade, ella, a princezinha cigana, num abandono languido, ouvindo a canção de magua e desejo que é ella propria..., ouvindo as supplicas de seu coração pedindo amor...

E' o sensualismo angelico de Edith Jheanne, a princezinha *Tarakanova*, ciganinha de amor, loura, linda, com sua grana terna, romantica, seductora até a fascinação...

Edith Jheanne

Edith Jheanne, que faz a gente acreditar nos films francezes, apesar de serem soffriveis, com seu rosto suave e candido de "Madona", de Fra Angelico, seus labios lindos, o myosotis humido de seus olhos, e seu corpo esguio, de peccado e volupia...

Edith Jheanne tem em sua espiritualidade quasi diaphana qualquer cousa de differente. Um encanto feiticeiro... uma sensualidade candida e ardente...

Edith Jheanne, a lagrima materialisada... o peccado innocente... o lyrio com aroma de paixão...

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA SUA TECHNICA PARTICULAR

Continuando a analyse da filmagem de uma pellicula de Amadores, estudemos agora, separadamente, o Projecto e a Execução, os quaes comportam cinco outros pontos, tão importantes como os primeiros.

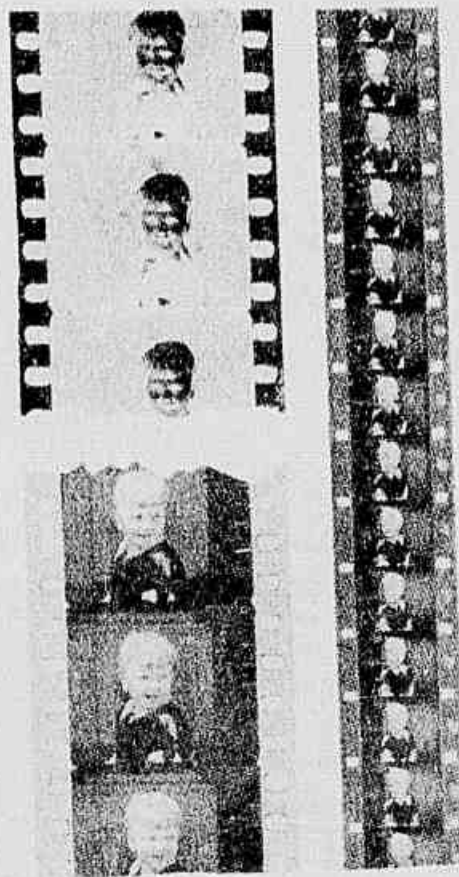
ENSAIO E FILMAGEM SIMULTANEOS

Já não se usa o velho systema de ensaio e filmagem separados, por um motivo muito simples: é que geralmente o actor já estava cançado pelos ensaios quando ia ser filmado, não podendo, pois, dar toda a naturalidade e enthusiasmo á scena, porque é sabido que a primeira vez que se representa um papel empresta-se a elle muito mais espontaneidade do que nas vezes subsequentes, em que se representa automaticamente, impulsionado apenas pela obrigação de "ter que representar". Por este motivo, o ensaio simultaneo á filmagem dá melhores resultados que o systhema antigo, além da consideravel economia de tempo que se verifica pelo emprego do methodo moderno.

Tambem já não se usa extrahir o "papel" por partes. Antes de entrar em scena o amador deve ter lido o enredo e se compenetrado da sua parte. O resto compete ao director.

O LABORATORIO

Um laboratorio amplo, bem dividido e com as luzes necessarias convida a trabalhar, e por isto esse departamento deve estar ao cuidado de um amador competente, e com bastante pratica.

Existem dois processos para a revelação de um film de amadores: "por inversão" e "por contacto" ou "copia". E' facil de ver-se qual o mais conveniente. O systema de tratamento do film por "inversão" além de ser economico dá melhor nitidez e suavidade. Ao par dessas vantagens tem o inconveniente de deixar apenas uma "copia" ou via do film, sendo que uma vez destruida parte della, não ha possibilidade de uma nova copia, como no processo por contacto. Muitos preferem este ultimo, apesar da dupla despesa que acarreta.

Emfim, todo cuidado com o laboratorio deve ser pouco, afim de se evitar o dissabor de uma refilmagem por se ter estragado um rolo de film. O delicado trabalho de laboratorio torna-se facil depois de alguma pratica. Recommenda-se o uso de banhos sempre novos e de accordo com as formulas indicadas em cada marca de film.

A seccagem deve ser natural e não forçada por processos mecanicos. O ar agitado provoca o engastamento de particulas poeirentes na superficie ainda molle da emulsão. Um film sujo de pó dá a impressão de "chuva" ou velhice, o que sempre é desagradavel.

A ENQUADRAÇÃO

Enquadração ou Montagem do film é o trabalho de recortar as scenas, collando-as na devida sequencia, pois é sabido que as scenas não se filmam consecutivamente. Este é o trabalho que causa mais pavor aos autores de novellas cinematographicas, que vêem na secção de "Córte" transformar-se completamente a historia que haviam engendrado.

A pessoa encarregada do "córte" deve ter muito criterio e supervisão, porque, ás vezes, um simples "angulo" que falte implica na inversão completa do sentido que a sequencia deveria ter.

LETREIROS

Estes devem ser simples, conter poucas palavras, e muita expressão. Não se deve collocar muitos letreiros num film, pois que elles desviariam a attenção do espectador, prejudicando a boa impressão de uma scena bem jogada.

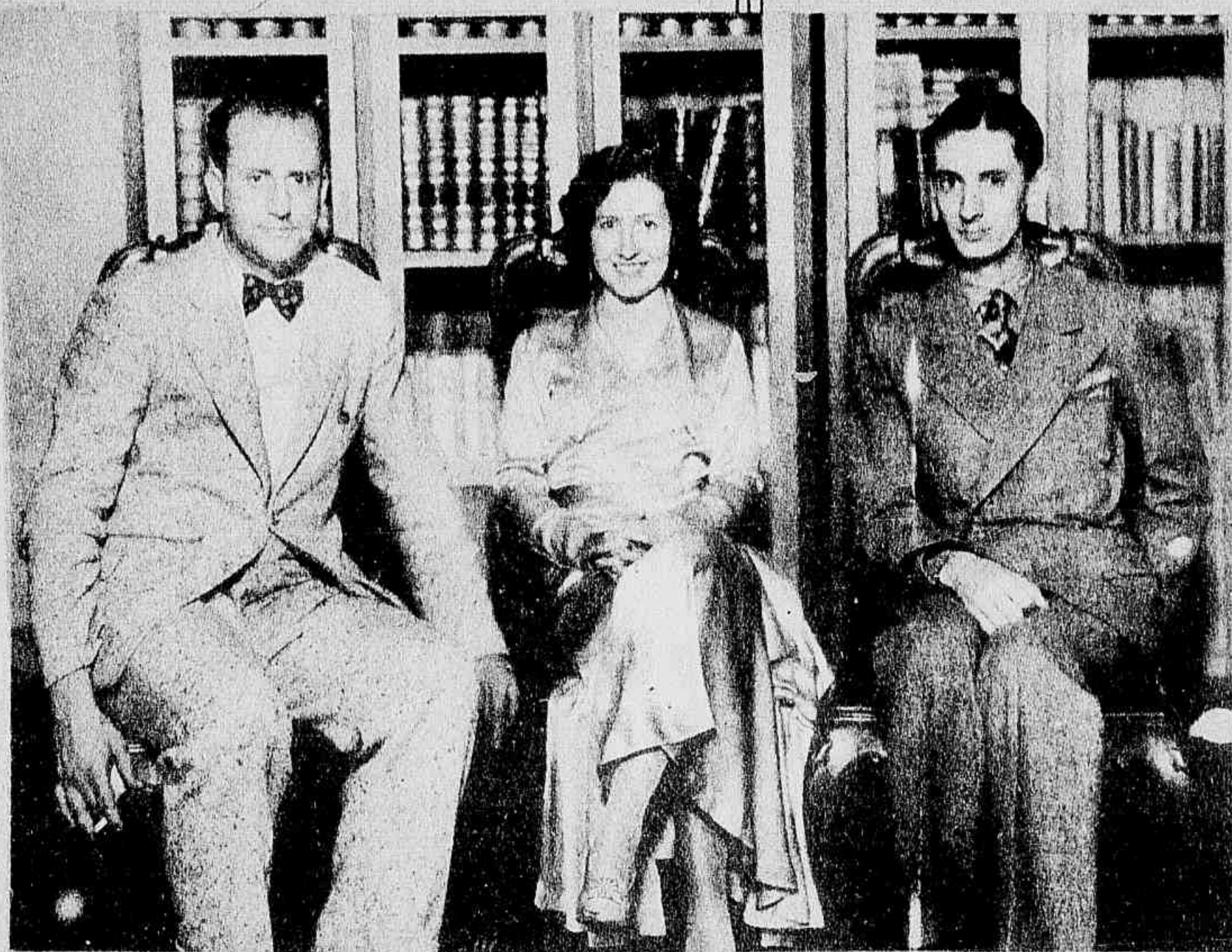
Sou partidario dos films sem letreiros. Aqui está a continuidade de *Medo* para provar que mesmo um amador póde conseguir expor cinematographicamente uma historia sem o auxilio de letreiros.

Porque é que *Aurora* de George O'Brien tanto agradou? Porque os poucos letreiros que tinha eram por assim dizer "photogenicos", cinematographicos em summa, qualidades que raramente possuem os letreiros feitos na maioria dos casos, por traductores pouco escrupulosos, que sacrificam o verdadeiro sentido do original.

O ACABAMENTO

Emfim, a ultima demão neste laborioso emprehendimento. O acabamento obedece ao criterio de cada um. E' uma coisa que não se aprende nem se ensina. Cada director deve ter vistas bastante boas, para vêr o que fica bem e o que não fica.

A um supervisor cabe fiscalizar o acabamento. A um productor o esperar que CINEARTE institua um concurso entre os amadores. E ao leitor amigo acceitar os agradecimentos do obscuro autor destas "*Considerações*".

CINEMA

Antes da partida para Marambaia, na noite do dia de anniversario de Carmen Santos. A estrella de "Onde a terra acaba" ao lado de Mario Peixoto, director, e Adhemar Gonzaga de "Cinearte"

Esteve por alguns dias entre nós, Alberto Vidal, um director da *Luz Arte Film,* de S. Paulo, productor do film *Anchieta, entre o amor e areligião*. Tendo vindo ao Rio á passeio, Augusto Vital visitou nossa redacção e contou-nos muita cousa interessante sobre o movimento cinematographico em S. Paulo. Onde a producção agora é sempre crescente, e onde fazem além de seu film, já terminado: *O campeão*, com Reid Valentino e Irene Rudner. *Canção do Destino*, com Cleo Verberena e Christiano Reys, dirigido por Plinio Ferraz. *Casa do caboclo* e *Alvorada de Gloria*,, de outras companhias.

Disse-nos Vidal que o enthusiasmo em S. Paulo pelo Cinema Brasileiro é grande. E falou-nos depois sobre seu film: *Anchieta*. Disse-nos que foi feito com todo o enthusiasmo, boa vontade e intenção.

Todos os requisitos necessarios ao film, foram-lhe acrescentados. Os exteriores foram filmados em Paranapuan, perto de Santos. Tratando-se de um assumpto indigena, todas as scenas principaes do film desenrolam-se em exteriores, por isto foi cuidadissima esta parte. Está enthusiasmado com seus artistas. Irene Rudner é a interessante estrellinha. Dino Grey, um bom typo, o galã. Sendo que figuram entre outros, Calvus Rey, uma das figuras de *As Armas !*.

O film será synchronizado com musica propria. E disse-nos ainda, que para captar a atmosphera indigena e colonial da epoca, elle não poupou esforços.

Falou-nos ainda, Vidal, sobre o interesse que tem pelo Cinema Brasileiro, e o seu esthusiasmo pelo progresso actual. Falou-nos tambem sobre o problema da distribuição, e sobre os seus planos de continuar produzindo mais films.

Alberto Vidal visitou ainda o *Cinédia Studio,* tendo occasião de admirar as suas installações e seu apparelhameento para produzir.

Disse-nos ainda que *Anchieta entre o amor e religião*, será lançado muito breve em S. Paulo, e prometteu trazer o film até nós. Sem duvida o esperamos, com interesse. E' um film que promette e é mais um film brasileiro, tambem.

Alberto Vidal, tambem elogiou bastante o trabalho de José e Helio Carrari como technicos.

—oOo—

Casa do caboclo... Uma canção bonita e gostosa qu todo o mundo conhece. Até Lily Damita lá em Hollywood aprcia esta musica bem brasileira e deliciosa !

Pois *Casa do caboclo* acaba de ser transformada num film, lá em S. Paulo ! E' realização de Augusto Santos, conhecido cantor da Radio Educadora Paulista. E' elle o director e elle tambem o autor do argumento do film. Argumento este tirado da musica tão popular e querida: *Casa do caboclo,* de autoria de Heckel Tavares e Luiz Peixoto. O film será synchronisado, sendo que a canção *Casa do caboclo* será seu thema musical que possuirá ainda algumas outras melodias originaes em seu synchronismo.

As filmagens desta producção, que está feita pelo Laboratorio Capitol, segundo nos informam, estão quasi terminadas, e seu lançamento annunciado para breve.

Dirige-a como já dissemos, Augusto dos Santos. Está enthusiasmado, as-

Alda Rios e Celso Montenegro

Decio Murillo e Isaura Moore, divertem-se com Paulo Marra, o "Stan Laurel" da "Cinédia", durante a filmagem de "Mulher"

m como todo o pessoal do film. estrella, desempenhando o papel de Sia Rita, é Walkyria Moreira, artista da Cia. de Theatro Comico. O galã é Rodolpho Mayer, m typo photogenico e já conhecido por seu desempenho em *Mysterio do dominó preto,* da Epica Film. Emilio Dumas, figura conhecidissima nos meios cinematographicos, tendo já trabalhado em *Escrava Isaura, Eufemia, Mysterio do dominó preto,* é outro nome do elenco. Carmen de Oliveira, bastante conhecida nos meios theatraes paulistas e Arnaldo Conde, caricato do film, são dois estreantes na producção. Julieta Gama e Jayme Fontes figuram ainda.

Alves Moreyra que já foi artista em *Rosas de Nossa Senhora,* é o assistente do director, e Francisco Campos tem á seu cargo, operar o film. O realizador do film, informam-nos, pretende fazer delle uma producção bem brasileira, que agrade e vá satisfazer o publico. E tambem, principalmente, fazer um film que seja digno da perfeição actual de nosso Cinema. *Casa do caboclo*... O film é bem capaz que para um seja pouco... e que para nós todos seja bom!...

Plinio Ferraz, director de "Canção do destino", ensaia uma scena com Cleo Verberena e Christiano Reys.

Emilio Dumas e Walkyria Moreira em "Casa do caboclo"

Fala-se em Porto Alegre de um film á ser feito, *O crime do Caminho Novo*. Será mesmo?

——oOo——

Aurora do amor, será a aurora do Cinema Brasileiro em Matto Grosso. A Lux Film, de Campo Grande, lá naquelle longinquo Estado, tambem vae dar sua collaboração ao nosso Cinema, com este film: *Aurora do amor*. Escreve-nos seu realizador, dizendo-nos o desejo firme que tem, de fazer um trabalho que honre nosso Cinema, com sua perfeição.

E' director technico da Lux Film, o sr. Alexandre Wulfes, que aliás, deve chegar breve ao Rio. O motivo de sua viagem é devido ter deixado de fazer parte do elenco, aonde tinha o papel de estrella, Lili Rubens. Por isto, Alexandre Wulfes virá até o Rio, afim de escolher uma nova estrella para seu film.

Informam-nos que, para que o film torne-se uma realização apreciavel, nenhum esforço será poupado.

(Termina no fim do numero).

DO BRASIL

Marcos Alberto do Cinema Pernambucano visitou o "Cinédia Studio" e foi recebido por Celso Montenegro e Ernani Augusto.

CONCHITA...

A primeira vez que vi Conchita Montenegro, foi num theatro de Los Angeles. Tratava-se da primeira de **Olympia** (Olympia), na sua versão hespanhola e, o mesmo theatro, dentro delle, reunia tudo quanto de mais selecto havia em materia de representantes da sociedade latino-hespanhola de Hollywood. Conchita, essa noite, dansou. Antes disso, jamais havia ouvido falar nella. Depois dessa ligeira demonstração, entretanto, jamais della me esqueci. Trajava um vestido branco e uma comprida mantilha, igualmente branca, envolvia-a toda numa graça de sorriso hespanhol. Ella dansou lindamente, exquisitamente. Era a verdadeira alma da Hespanha, o proprio sonho da Andaluzia.

As assistencias latinas, sem duvida, são muito mais ardentes, nas suas expanções, do que as saxonicas. Expandem-se mais. Têm maior ardor nos applausos. Mostram, rapidamente, quaes os seus sentimentos. Naquella noite Conchita foi a maior sensação da **soirée**.

— Estive terrivel!

Disse-me ella, agora, quando, entrevistando-a, perguntei-lhe por essa passagem que jamais esqueci.

— Ha tempo que não dansava e sentia-me demasiadamente dura. Além disso, não tinha ensaiado juntamente com a orchestra. Senti-me envergonhada.

Não houve quantidade alguma de affirmações que a fizessem crer que havia sido excellente. Achava-se "terrivel", apesar de tudo. Já é mania. Agora, por exemplo, acha ella, tambem, que foi "terrivel" igualmente no seu primeiro film falado em inglez, **Never the Twain Shall Meet.** Antes disso figurou ella como a dansarina de **Strangers May Kiss,** com Norma Shearer e nas versões hespanholas de **Sevilha de Meus Amores, Paso al Marino** (Way for a Sailor) e **Ordinario, Marche!** Carreira trabalhosa, embora muito curta e rapida.

Em **Never The Twain Shall Meet,** o seu papel é o de uma pequena das ilhas dos Mares do Sul. O mesmo papel, que na versão silenciosa, ha annos feita, teve-o Anita Stewart, no film que então se chamou **Taméa.** Todos quantos viram a primeira desse film, acharam Conchita esplendida e, em Hollywood, o seu futuro dos mais promissores. E' viva, moça, brilhante e admiravelmente linda. O seu typo é todo o de hespanhola amorosa e meiga, profundamente ardente. Não faz lembrar Dolores Del Rio, Lupe Velez ou Raquel Torres. E' Conchita Montenegro, ella mesma.

— Depois da primeira, fui, para casa e chorei a noite toda, confesso-lhe. Achei todos bons, menos eu... Apenas uma vez ou outra achei-me bonita e bôa artista.

Disse-me ella, continuando as suas lamurias que provacavam elogios em troca. Ha menos de um anno é que ella deixou a sua terra natal em demanda dos films americanos Veiu para cá sem saber uma só palavra de inglez. Não lhe custou nada e nem lhe tomou tempo algum aprender a nova lingua. Ainda confunde alguma cousa e não sustenta muito bem uma conversação longa, é certo, mas já sabe o suficiente para decorar os seus dialogos de fórma a bem impressionar. Não encontramos duvida na nossa conversa toda e comprehendemo-nos ás maravilhas. A chegada de Ramon Novarro, junto a nós, naquelle momento, pol-a falando rapidamente o hespanhol, de novo e se o brilhante artista não desviasse delicadamente a conversa para o inglez, novamente, era logico que eu ficaria sem a minha entrevista.

Esta **señorita** vive com sua irmã mais velha. Durante este verão, sua Mãe e uma outra irmã sua virão visital-a na California. Ella está a contar os dias, num desespero maluco...

— Você precisa ver a minha irmã que vem da Hespanha. E' muito mais bonita do que eu! Muito mais moderna e interessante!

Foi com essa irmã que Conchita fez a sua apresentacão theatral em Madrid, não ha muito Foi num beneficio qualquer por uma instituição de caridade e as duas pequenas roubaram o espectaculo todo para ellas... A despeito da primeira ligeira relutancia dos seus, venceu e conseguiu seguir a carreira que lhe fazia agrado seguir.

Em San Sebastian e em Madrid, a familia della tem casas. Eduraram-se em conventos e, logicamente, destinavam-nas os paes a casamentos bons, com gente hespanhola de bôa descendencia e bom futuro.

Na sua carreira de arte, entretanto, depois de haver destruido as ambições matrimoniaes dos paes, Conchita decidiu-se pelo Cinema. Disse-me ella que assim o fez depois de ter assistido a um film de Greta Garbo. Admirara, tanto, que ambicionou, desde logo, ser do Cinema, integralmente.

— Em Hespanha existem apenas uma ou duas companhias theatraes. Os Cinemas dominam, integralmente! Vêm-se, lá, quasi todos os films americanos e elles são muito applaudidos. Eu fui **fan,** confesso e não me envergonho de o dizer. Tambem apreciava a dansa e, por circumstancia qualquer, foi essa a primeira arte á qual me dediquei.

Depois do seu brilhante e rapido successo como bailarina, em Madrid, seguiram-se temporadas muito felizes em Berlin, Paris, Vienna e Londres. Quando achava-se em Paris, dansando, foi que um representante official da M. G. M. a convidou para ter um contracto assignado para ir a Hollywood.

— Aprecio a America do Norte e quero ficar. Acho e sinto que aqui ha tanta liberdade! Gostei de New York, mas gosto mais da California. Acho, apenas, que de lá para cá são muitos dias de viagem exaustiva... Atravessei o seu paiz em Julho, imagine, quando o calor é o mais intenso possivel... A proxima vez, viajarei em avião. E' muito mais rapido e muito mais moderno...

Depois, referindo-se á sua viajem da Europa para cá, disse-me

— Fiz má viajem. Enjoei durante toda a travessia e nada mais fiz do que me deitar, para evitar os engulhos... Uma calamidade, confesso.

Perguntei, a seguir, alguma cousa sobre a nova politica hespanhola e sahida do rei Affonso do throno. Respondeu-me ella, com rapidez e firmeza.

— Era um homem bom e bom rei. Todos nós o amavamos. Não creio que, hoje, seja feliz o meu paiz. Não temos um homem que tenha sufficiente clareza de espirito e de visão para ser presidente da nova republica. Não sei o que acontecerá.

— Conchita...

Perguntei-lhe:

— Tem algum namorado na Hespanha?

Ella sorriu, deixando as más recordações para traz e respondeu.

— Não! Occupo-me demais com minha carreira para que tenha tempo para gastar com namorados... O futuro é muito grande e talvez, ahi, encontre eu um delles...

Dizendo isto, teve um lampejo de olhos que me encantou. Pode ser que me engane, realmente, mas acho, com toda sinceridade, que ella vae ser um dos mais legitimos successos do Cinema actual.

— Aprecia os homens americanos?

— Mas por que é que todos vocês me perguntam a mesma cousa? Todos querem saber se eu gosto do homem americano... Ha, no que sinto, muita differença. Aprecio-os muito, entretanto. Prefiro o latino, apesar de tudo...

Ha pouco tempo em Hollywood, Conchita já tem amigos em Ramon Novarro, com o qual já trabalhou, Dolores Del Rio, Raquel Torres, José Crespo e alguns outros. Aliás, diga-se, ella e José Crespo foram os unicos artistas hispano-latinos que a M. G. M. não despediu, agora que resolveu (em bôa hora!) terminar de vez com a producção falada em hespanhol. Ella vae figurar em muitas outras versões faladas em inglez, originaes e, por certo, com o seu esforço e a sua força de vontade, vencerá, radicalmente.

* * *

Trailin, da Fox, dirigido por Irving Cummings, tem, no seu elenco, Rita La Roy, Virginia Cherrill, Lina Basquette, Humphrey Bogart, James Kirkwood e Stanley Smith.

* * *

Nick Grinde, director para a M. G. M., assignou novo contracto com a mesma, depois do seu ultimo film, com Joan Crawford, **Girls Together.**

* * *

The Ambassador from U. S. A., da Fox, dirigido por Sam Taylor, será um dos proximos vehiculos para Will Rogers.

* * *

Stepdaughters of War, argumento que Josephine Lovett e Viola Brothers Shore estão adaptando, será um dos proximos films da Paramount que têm Ruth Chatterton como principal. A direcção é de Dorothy Arzner, e Gary Cooper figura como galã.

* * *

O conselho medico para Clara Bow, depois do seu mais recente colapso nervoso, foi este: "descanço absoluto, nenhuma visita e seis mezes inteiros de sanatorio". "Eta" pequena "pesada"!...

* * *

Ruth Chatterton, afinal, depois de milhares de discussões e brigas, provocou um encontro entre Adolphe Zukor e H. L. Warner, para dicidir o caso. Ao cabo da conversa, decidiu-se continuar ella com a Paramount e passarem-se Kay Francis e William Powell incontinente para a Warner.

Canção cigana...

(Conclusão do numero passado)

E' por isto que só muitos annos mais tarde, no Brasil, para onde viera, viu seu sonho realizado, sendo "descoberta" para um importante papel em **Tiradentes**, film este que não foi terminado, porém. Tempos passaram-se, e Ruth novamente "descoberta", foi convidada para ir ao studio da Metropole em Barra Funda, tirar um test. Foi, e immediatamente posta no elenco de **Escrava Isaura**, o film que iam fazer. Aliás ella ia fazer o papel de Isaura, mesmo, mas como não houvesse um typo capaz de incarnar a Malvina, do film, Ruth foi posta neste papel, sendo que Isaura foi entregue a outra.

— "Enthusiasmei-me immensamente com o film," diz Ruth, "passei dias e dias em locação em Moggy das Cruzes. Dei a elle toda a minha boa vontade. Meu papel, Malvina, era interessante, sim, mas estava deslocada. Não gostei nada de me ver na tela... Uma desillusão a mais, emfim... As scenas que mais gostei, no fim, foram: a que descubro meu marido seduzindo Isaura, e quando o vejo morto. Eram fortes e fil-as com bastante sentimento. Tenho lembranças bastante interessantes da filmagem. Lembro-me que ás vezes ensaiavamos quasi 10 vezes mesmo, e quando iamos para a frente da camera, faziamos tudo ás avessas!"

Ella prefere Cinema ao Theatro.

— "Cinema... elle nos proporciona o ensejo de viver varias vidas! Póde ser falso, mas o que é a vida?... Que ha de mais falso do que ella?... Quando estou num Cinema esqueço-me de tudo. Mas gosto muito de theatro, tambem. Aprecio as operas, a temporada lyrica no Rio, mas no palco o que mais me interessa são as comedias. Assim como na tela, só tragedias me arrebatam".

O que Ruth mais aprecia num film é a direcção e o talento dos artistas. Obediencia, attenção ás ordens do director, e sinceridade são os predicados que mais admira num artista. Não gosta de galãs bonitos. Ronald Colman e Clive Brook são seus predilectos. Corinne Griffith, Pola Negri e Janet Gaynor as estrellas que mais aprecia. Directores: De Mille e Murnau.

— "Barbara la Mar é, porém, uma artista cuja belleza e arte nunca me esqueço", disse-nos ella.

Acha que Cinema falado não interessa quando existe theatro. Que o Cinema silencioso é muito mais expressivo e bonito. **Barqueiro do Volga**, e **Mulher de Brio**, foram os films silenciosos que mais a impressionaram. Dos falados, **Alvorada de amor**, e **Patrulha da madrugada**. No Cinema da Europa, Olga Tchescowa, Briggite Helm e Ivan Mojuskine são seus artistas favoritos. **Volga-Volga**, foi o film que mais a encantou. Porque, pelo mesmo motivo que **Barqueiro do Volga**, recordava-lhe muito sua patria.

— "Lelita Rosa! Sim, é minha predilecta no Cinema Brasileiro. Desde que a conhecia em S. Paulo, dizia sempre: Lelita ainda será uma grande artista, porque é linda e tem personalidade admiravel. Quando estive em Varsovia, agora, tinha commigo alguns retratos della. Mostrei-os lá e todos ficaram deslumbrados com sua belleza e seu exotismo!"

Ruth acha inda Alda Rios uma garota interessante e bonita. Conhece pouco os galãs brasileiros, mas Celso Montenegro com quem trabalhou, innegavelmente acha um bom artista e optimo em papeis como Leoncio.

Labios sem beijos foi o film brasileiro que mais admirou. Achou-o optimamente dirigido por Humberto Mauro.

Acha a publicidade necessaria para um film e para um artista, e tambem o que mais falta tem feito ao Cinema Brasileiro. Acha ainda que mais necessario, porém, é um artista não acreditar muito nella... Já teve grande curiosidade em ler publicidade á seu respeito. Hoje não...

Gosta muito de assistir filmagens. E nellas, permittam-me dizer, Ruth é delicada, gentil e muito docil ás ordens do director. Gosta de representar com musica, e não importa-se com pessoas assistentes. — "Tragedias, e mulheres muitas vezes desgraçadas, infelizes e angustiadas são os papeis que mais desejo interpretar", disse-nos ella, e ainda, que trabalha no Cinema pelo grande prazer que sente nisto. Está enthusiasmada com a Cinédia:

— "Tenho grande fé na organização de Adhemar Gonzaga. Cinema Brasileiro que fazem é mesmo de facto, e como tenho grande vontade de continuar nos films, naturalmente na Cinédia tambem. Apesar de conhecer pouco os collegas, gosto do meio e espero familiarizar-me ao ambiente.

Creio que **Mulher...** será um grande film. Bem cuidado como está sendo feito, promette muito. Octavio Mendes, o director, impressionou-me bem, assim como todo o elenco que é dos melhores.

Meu papel é pequeno, porém adequado á meu temperamento. Gosto delle, e interessante é que tenho por companheiro no film, Celso Montenegro, o Leoncio! Mais interessante ainda é que em **Escrava Isaura** eu era a mulher desprezada por elle, e agora em **Mulher...** dá-se o mesmo! E' assim, porém, que gosto de trabalhar com Celso, em papeis de "desprezada"... Episodio interessante de filmagem, em **Mulher...**? Uma scena de it com Celso, e na qual havia um beijo... E eu, rebelde como sou á taes scenas, quiz a todo custo evital-a. Mas não consegui, porque o papel exigia isto, e eu absolutamente não prejudicaria meu papel, por um capricho...

Cinema Brasileiro? Estimo-o muito e muito. Immensamente, mesmo! Elle tem innumeras possibilidades para vencer. Ambientes bellissimos, artistas, directores, capital, etc. Falta-lhe um pouco de publicidade, e um pouco mais de união. Mas creio que isto gradativamente irá se agregando ás qualidades que elle já possue. Uma organização e direcção solida, que tanto lhe faltava, a Cinédia já lhe deu. Creio que o Cinema Brasileiro irá longe. Elle caminha mesmo, á passos largos para a victoria. Mas até lá, já não estarei mais a seu lado dando-lhe meu fraco apoio, e minha dedicação. Elle evoluirá muito e precisará de novos elementos.

Do que elle muito necessita e ainda não tem, é do apoio dos proprios brasileiros. Os brasileiros são de uma tenacidade admiravel, mas é preciso que acreditem mais em si proprios. Os estrangeiros como eu, por exemplo, crêem mais no Cinema do Brasil, do que innumeros brasileiros que conheço... E isto não deve ser assim! Todos os films feitos no Brasil, bem intencionados é logico, devem ser vistos, porque merecem, são cuidadissimos, bons, e sempre revelam mais um passo no caminho da perfeição. Como **Mulher...**, por exemplo. E repararmos defeitos que por ventura tenham, é até falta de senso, pois seria de admirar, isto sim, se não apresentassem falhas, os primeiros films de um Cinema que se forma.

Repito, sinto pelo Cinema Brasileiro uma affeição, uma estima sem par, assim como por toda esta terra linda e esplendida, o Brasil...

Ficar no Cinema do Brasil, obter papeis importantes, uma posição definida nelle, são meus principaes projectos para o futuro. Tenho ainda alguns planos delineados, mas ainda é cedo demais para falar nelles...

———

Ahi está Ruth Gentil, a saudade em forma de uma esplendida figura de **MULHER...** Maruska Zaramba, a canção cigana... Olhar agonizante que revive... illusão que morre...

Cocktail...

(F I M)

— Se os extras são extras, porque, naturalmente, querem subir os degraus do successo — usando a phrase commum neste assumpto de Cinema — devem mudar de idéas e procurar, já, uma outra profissão, tal como tocador de **ukelele** ou jornalista, principalmente se olharem para os annaes da historia do film. São rarissimos e pouquissimos aquelles que têm vindo da camada infima dos extras para a tona do successo. Existem, approximadamente, vinte mil extras em Hollywood; julgando pelas relações que temos em mãos, a porcentagem dos mesmos que poderão ter accesso, é pequenissima. São raros aquelles que sobem dos 5 **dollars** por dia de serviço para os 1000 semanaes ou diarios. Os films falados, então, vieram ainda mais augmentar os "impostos" sobre os pobres extras. Os directores, hoje, que procuram caras novas, procuram, de preferencia, em recantos mais conhecidos e mais faceis, principalmente pelos theatros. Charles Chaplin encontrou, em Menjou, um extra, quasi, porque pouco mais do que isto elle então fazia, o typo que elle queria para ser o principal personagem masculino de **Casamento ou Luxo?** (A Woman of Paris). Clara Bow venceu um concurso de belleza, teve um bom principal papel e, depois, tornou-se novamente extra até que se decidiu um productor elevai-a novamente á principal categoria, pelas suas varias possibilidades.

Conta-se, ainda, que Rex Ingram, o director, fez uma aposta: transformar um extra em **astro**. Escolheu um joven. Elle se chama Ramon Novarro...

Tambem vieram de lá, isto é, dos **vinte mil**, os seguintes: Jack Mulhall, Mary Brian, Fay Wray, Laura La Plante, Esther Ralston, Lew Ayres, Myrna Loy, Carole Lombard, Frances Dee e Raquel Torres.

Mas... os outros?...

✣ ✣ ✣

Sobre a vida bôa que, presentemente, levam os artistas, tece, o director Lloyd Bacon os seguintes commentarios.

— A existencia de luxo e absoluto conforto que leva, presentemente, o artista celebre de hoje, elevado por causa do Cinema é um dos mais espectaculosos phenomenos que o Cinema tem mostrado ao mundo. Camparados aos **astros** da geração pasada, o artista de pequenos **bits**, hoje, é um ser que leva uma existencia de principe. O artista de hontem, então, que tem acompanhado esta evolução deve até sentir arrepios de raiva, pensando... que pensaria, por exemplo, um artista de hoje, de levantar-se ás 4 da manhã, numa época de inverno, para alcançar um trem e estar á hora certa para determinado espectaculo em outra cidade? Era esta, entretanto, uma rotina commum para os artistas e ninguem se revoltava contra isto. Os artistas da nossa Hollywood, com suas commodidades de hoje, seus lares, seus carros carissimos, seus requintes de modernismo e luxo antigamente jámais imaginados, devem ter alguns minutos de meditação, pacientes, para não serem, nunca, os temperamentaes que ás vezes são... Só assim seriam capazes de valorizar muito mais o paraiso em que vivem, presentemente...

✣ ✣ ✣

Sobre a quantidade de films em circulação e a consequencia da mesma, fala Jesse L. Lasky, vice-presidente e gerente geral de producção da Paramount.

— Hollywood faz films em demasia. Tantos são os theatros que precisam ser amparados com um constante mudar de programmas, que, alguns, casos, o lucro que os mesmos dão não chega nem para compensar o gasto com o negativo que o film teve. Além disso, pelo mundo todo não encontramos uma quantidade sufficiente de bôas historias para compensar os requisitos da producção. Um productor de theatro apresenta de uma a cinco producções nos seus palcos, por anno. O productor de films, ao contrario precisa dar uma producção por semana. Hollywood tem muitos **yes men**, mas uma quantidade diminuta de verdadeiros artistas creadores que produzem cousa de real merito para a industria e para a arte. Esta é que é a verdade.

✣ ✣ ✣

Sobre a volta dos films silenciosos, faz Chester Bahn, do "Syracuse Herald", o seguinte commentario.

Um dos mais curiosos commentarios sobre o já velho caso dos films falados contra os silenciosos, é o do professor Sawyer Falk, do curso dramatico da Universidade de Syracuse. Diz elle: "O que é promptamente apparente numa discussão sobre os respectivos meritos dos films silenciosos e falados E' no ponto que se refere ao em que são elles estheticamente sinceros com seus respectivos **mediums**; actualmente, elles são dois objectos de arte radicalmente differentes, tendo, em alguns aspectos, mutuos caracteristicos, mas distinctametne separados em outros tantos. Assim, o caso de "qual o melhor", deixa de ser o caso para ser a questão de ser melhor a esculptura do que a pintura ou outras artes igualmente assim differentes, embora tendo pontos communs de contacto. O film silencioso póde ser desinteressante, para o momento actual e, por algum tempo, ainda póde continuar assim sendo, mas não é razoavel suppôr que uma arte que foi capaz de attrahir todas as attenções do mundo, como o foi o film silencioso, seja uma arte morta para sempre.

O film sem voz, o silencioso, feito assim e não com a voz cortada, voltará, justamente na época precisa, assim que se vejam os productores em difficuldades que o film falado certamente trará. Pessoalmente sinto, entretanto, que se os films falados continuarem a actual technica de empregar a voz apenas como um complemento ao scenario cinematographico do argumento, será mais do que imminente e rapida a volta do film silencioso.

✣ ✣ ✣

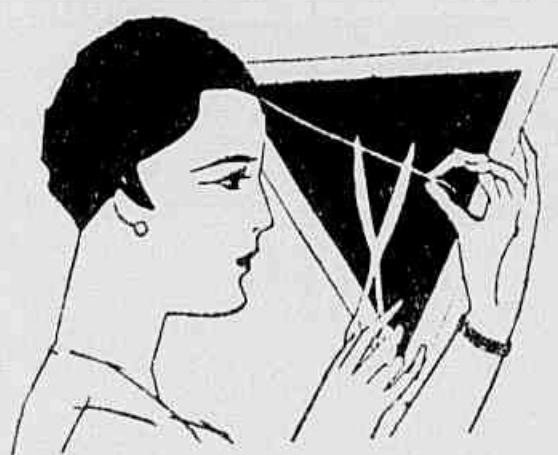
E por hoje, é só. Continuaremos, se assim apreciarem nossos **fans**.

Gustav Fröhlich em Hollywood

(F I M)

lha... Aquelles que levam muito dinheiro, comsigo, quasi sempre voltam radicalmente "aliviados"... E, agora o melhor: o hotel Aguacaliente e a maioria dos **bars** e casas de jogo, do Tia Juana, pertencem a um syndicato controlado por tres dos mais importantes figurões da industria do Cinema! Desta maneira, de certa maneira, recuperam elles, calmamente, dos proprios "freguezes", aquillo que lhes pagam no final de cada semana...

Divertidas, realmente, são algumas das formalidades, de lado as aduaneiras, a que se têm que sujeitar aquelles que voltam á terra americana, vindos das bandas mexicanas. Em Tia Juana a bebedeira é livre e, pode-se mesmo dizer, obrigatoria. A estes, entretanto, até rararem, é prohibida a entrada em territorio americano. Só depois da "resaca" é que podem voltar... Para distinguir sobrios d e ebrios, sem necessidade de muitas molestações pessoaes, traçou a policia uma linha recta, branca, que segue um determinado trecho de terreno. Por ella têm todos que passar e aquel-

les que o fazem com pernas tropegas, ficam, "cozinhando" o whisky ingerido...

— Já me expandi o sufficiente, creio e, de Hollywood, volto muito satisfeito para a minha terra. Lá fui recebido com a distincção e com o credito mais amavel que já encontrei em minha vida. Apesar de tudo, entretanto, seria mentiroso se não confessasse que muito melhor me acho em Neubabelsberg, junto aos meus, com os quaes já tanto me acho acostumado.

Gary Cooper está cançado...

(F I M)

le havia desmaiado. Apenas dois dias depois conseguiu elle melhorar a ponto de voltar para o trabalho. Na manhã em que appareceu, entretanto, tinha febre. O medico, vendo-o, disse-lhe:

— Meu amigo, para o Hospital, immediatamente!

Diagnosticou influenza intestinal. O medico é bom e sabe o seu officio. Mas o peor delles sabe que o estado de fraqueza é o primeiro a permittir que qualquer molestia se aposse do doente. O que com elle havia, acima de tudo, é que estava exhausto. Completamente gasto, radicalmente derrotado... No hospital, já, telephonaram do Studio e lhe pediram, encarecidamente, que apenas se prestasse a mais duas ou tres horas de trabalho para concluirem as scenas finaes do film. Apesar dos medicos acharem que não era permittido elle foi e terminou o seu trabalho, com febre e tudo. A's sete da mesma noite, elle ainda estava filmando... Voltou depois para o hospital e, assim que chegou proximo ao seu leito, teve um colapso.

O quanto elle esteve proximo da morte, é facto notorio em Hollywood, agora. Seguiu-se um profundo descanço e um grande socego que lhe restituiram, em pouco, a saude, novamente. Hollywood foi descrente, foi cruel. Não acreditou na sua molestia. Acreditou que elle tinha uma ligeira indisposição, apenas, porque "Gary Cooper é tão forte e nada tem de mal que o possa affectar"...

Felizmente tudo passou e conjurou-se o perigo. Hoje elle sente-se bem melhor e tem nova vida diante de si.

Ainda falando dos seus passados films Gary achou **Sete Dias de Licença** muito longo e monotono; **Fighting Caravans**, um bom espectaculo que muitos cozinheiros estragaram mettendo as mãos no tempero... **Beau Sabreur** um film idiota com elle num papel mais idiota ainda e **Legião dos Condemnados** um agradavel papel. De **Filhas do Divorcio**, **Bandoleiro Romantico**, **O Amor Comanda**, **Escrava por Amor** e outros, nem siquer falou...

Cinema do Brasil

(F I M)

Vamos esperar a **Aurora do amor**.

Proseguem animadas em Marambaia as filmagens de "Onde a terra acaba" que Mario Peixoto está produzindo e dirigindo.

Carmen Santos, como se sabe, é a estrella e o unico elemento feminino do elenco, tendo como galã Raul Schnoor.

Carlos Eugenio

(F I M)

— Ahi é o departamento technico, para corte, revelação e impressão de films. Ali é o palco, proprio para montagens de scenas. Ali ao lado, numa serie de dez, os camarins ladeados, nas suas pontas, por dois que são duplos e têm os nomes dos primeiros astros da **Cinédia**: Lelita Rosa (o de moças) e Paulo Morano (o de rapazes). Os outros estão occupados por varios departamentos.

Quando terminou a explicação, attingiamos o portão. Agradeci ao senhor gerente a gentileza das informações e as attenções recebidas e, para alcançar o S. Januario que já fazia a curva de Teixeira Junior, dei uma "escapada" a la Sant'Anna (o Studio fica ao lado do Stadium do Vasco!) fazendo, nos bancos do "cara dura", uma chegada typo corredor terceira categoria...

✣ ✣ ✣

The Age for Love, da United Artists, dirigido por Frank Lloyd, tem Billie Dove como heroina e Grant Withers como galã. Que galã!

✣ ✣ ✣

Rosita Moreno, em Paris, além de figurar nos films da Paramount, assignou contracto para apparecer no **Follies Bergére**.

✣ ✣ ✣

East River, de John Colton, será o primeiro film de Pola Negri para a Pathé-RKO, depois do seu regresso da Allemanha. Paul L. Stein dirigal-a-á.

O Valentino que eu conheci

(F I M)

não tinham aquillo que queriam, sempre e até hoje querem. Aquillo que todas sentem e não sabem dizer o que é. Aquillo que Valentino nellas despertava e nellas saciava com sua apparição brilhante e inegualavel. Muitas dellas sentiam-se desgraçadas reconhecendo que os maridos que tinham eram inuteis ao lado delle, mas muitas amavam-no profundamente e disto eu tenho provas insophismaveis. Seus corações batiam, descompasados e seus sangues corriam, malucos e todas ellas sentiam, sobre os labios, os beijos de fogo que elle dava na heroina, na frieza tão expressiva da tela... Muitas mulheres, quando voltavam para casa, de volta de um film de Valentino, sentiam-se immensamente desgraçadas, immensamente sós. Valentino era o amante perfeito que ellas nunca encontrariam...

Sómente um film o fez perder o seu encanto absolutamente masculino, viril. Foi o desastroso "Monsieur Beaucaire". Talvez fosse a influencia feminina até dos trajes. O que é certo é que elle não era o mesmo e nem sequer parecia Valentino.

Na America, mais do que em outro local do mundo, a "moda Valentino" foi verdadeira epidemia. A mulher americana não pensou que existisse um amante assim.

Valentino, para ellas, representava o amante polido, educado, cheio de malicia e não um simples cavalheiro apaixonado, sem graça e sem romantismo algum. Ellas sentiam que não o poderiam dominar, nunca, porque elle era a figura viva do indomavel. Os instinctos caçadores das mulheres da America despertaram com a expectativa dessa caça. Elle era de uma apparencia toda perigosa e, esse perigo, nem todas se sentiam com forças para enfrentar. Elle dava a impressão de ser o maior dos mestres em amor que o mundo já conheceu. Não se podiam ellas esquecer da perfeita scena que elle e Alice Terry viveram, em "Quatro Cavalleiros do Appocalypse", quando Alice entrava no seu Studio e elle lhe tirava os sapatos e aquecia seus pézinhos molhados e frios. Elle tinha seus methodos. Eram cousas que a mulher americana não conhecia! Cousas fascinantes, malucas...

Seus olhos eram outros vulcões a exprimir paixão. Eram perigosos e ternos, a um só tempo. O seu mais simples movimento era cheio de elegancia e belleza.

Valentino inaugurou a moda da paixão por galãs e, depois delle, outros tantos audazes conquistadores foram apparecendo. A sua lembrança, entretanto, ainda vive, bem forte, em muitos corações e elle **permanecerá**, para sempre, aquillo que sempre fôra: "O mais prfeito amante do mundo todo!".

✣ ✣ ✣

King Vidor resolveu pedir a sua exclusão da direcção de **The Fall and Rise of Susan Lennox**, de Greta Garbo, depois de averiguar que elle e a **estrella** não chegavam a accordo pacifico na realização de certos detalhes do film, e, assim, Robert Z. Leonard substituiu-o. John Gilbert e Nils Asther foram considerados para trabalharem com ella, entretanto, para surpresa geral, Clark Gable foi posto como seu galã... Essa Greta Garbo...

LILY DAMITA
CINEARTE
533-92

IPANEMA T.N.
611
Odol
a
melhor pasta
para dentes